



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

JEAN LUCAS GOMES PINTO

FUTEBOL E EUROCENTRISMO:
AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE OS CONTINENTES NO
PROGRAMA TELEVISIVO LINHA DE PASSE, DA ESPN, DURANTE A
COPA DO MUNDO DE 2018

**FORTALEZA
2019**

JEAN LUCAS GOMES PINTO

FUTEBOL E EUROCENTRISMO:
AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE OS CONTINENTES NO PROGRAMA
TELEVISIVO LINHA DE PASSE, DA ESPN, DURANTE A COPA DO MUNDO DE 2018

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social. Área de concentração: Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Robson da Silva Braga.

FORTALEZA
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P728f Pinto, Jean Lucas.
FUTEBOL E EUROCENTRISMO : AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE OS CONTINENTES
NO PROGRAMA TELEVISIVO LINHA DE PASSE, DA ESPN, DURANTE A COPA DO MUNDO
DE 2018 / Jean Lucas Pinto. – 2019.
75 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e
Arte, Curso de Comunicação Social (Jornalismo), Fortaleza, 2019.
Orientação: Prof. Dr. Robson da Silva Braga.

1. Linha de Passe. 2. representação social. 3. identidade nacional. 4. eurocentrismo. 5. futebol. I. Título.
CDD 070.4

JEAN LUCAS GOMES PINTO

**FUTEBOL E EUROCENTRISMO: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE OS
CONTINENTES NO PROGRAMA TELEVISIVO LINHA DE PASSE, DA ESPN,
DURANTE A COPA DO MUNDO DE 2018**

A Comissão Julgadora dos trabalhos de defesa de monografia, composta pelos professores descritos a seguir, em sessão pública realizada em ___/___/____, considerou o candidato Jean Lucas Gomes Pinto _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Robson da Silva Braga (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Ricardo Jorge de Lucena Lucas
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Rafael Rodrigues da Costa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

FORTALEZA
2019

A Deus.

Aos meus pais, Antônio Pinto Neto e Maria

Solidade dos Santos Gomes.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Robson da Silva Braga, pela excelente orientação.

Aos professores participantes da banca examinadora Prof. Dr. Ricardo Jorge de Lucena Lucas e Prof. Dr. Rafael Rodrigues da Costa pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões.

Ao entrevistado Eduardo Tironi, pelo tempo concedido na entrevista.

Aos colegas da turma de graduação, pelas reflexões, críticas e sugestões recebidas.

Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol.

Nelson Rodrigues

RESUMO

Esta monografia analisa de que modo o programa Linha de Passe, da emissora de televisão ESPN, enfatiza o futebol europeu em detrimento do futebol praticado em outros continentes. Partimos do pressuposto de que há um maior destaque e exaltação de equipes europeias de futebol como reforço da noção de superioridade do continente europeu. Para a investigação, analisamos cinco edições do programa (15, 17, 19 e 24 de junho e 6 de julho) durante a Copa do Mundo de 2018, realizada de 14 de junho a 15 julho, na Rússia. Para embasar teoricamente a investigação, adotamos especialmente os conceitos de representações sociais (Serge Moscovici e Stuart Hall) e identidade nacional (Roberto DaMatta) e a noção de eurocentrismo (Jack Goody e Shohat e Stam).

Palavras-chave: Linha de Passe; representação social; identidade nacional; eurocentrismo; futebol.

ABSTRACT

This monograph analyzes how the ESPN television show, *Linha de Passe*, emphasizes European soccer to the detriment of football from other continents. We assume that there is greater prominence and exaltation of European football teams as a reinforcement of the notion of European superiority. For the research, five editions of the program (15, 17, 19 and 24 June and 6 July) were analyzed during the 2018 World Cup, held from June 14 to July 15 in Russia. To theoretically support the research, the concepts of social representations (Serge Moscovici and Stuart Hall), national identity (Roberto DaMatta) and the notion of Eurocentrism (Jack Goody and Shohat and Stam) were used.

Keywords: *Linha de Passe*; Social representation; Eurocentrism; Soccer.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Campeonato Moçambicano é interrompido por falta de verba	27
Figura 2	Matéria sobre história de Lautaro Martínez	28
Figura 3	Matéria sobre erro do goleiro Alex Muralha	29
Figura 4	Atacante Diogo faz seu centésimo gol na Tailândia	29
Figura 5	Matéria sobre “segredo do sucesso” da Costa Rica	30
Figura 6	Matéria sobre recorde de gols do atacante Bobô	31
Figura 7	Logo do Linha de Passe	57
Figura 8	Programa Linha de Passe	58
Figura 9	Apresentação Linha de Passe	59

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Evolução do Jornalismo Esportivo Brasileiro	24
Tabela 2	Valores-Notícia	26
Tabela 3	Siglas das Federações	30
Tabela 4	Número de Brasileiros que atuam em clubes de futebol fora do Brasil (fev.19)	32
Tabela 5	Dados históricos sobre a Seleção Panamenha	49
Tabela 6	Dados históricos sobre a Seleção Peruana	49
Tabela 7	Dados históricos sobre a Seleção Egípcia	49
Tabela 8	Dados históricos sobre a Seleção Islandesa	50
Tabela 9	Dados históricos sobre a Seleção Iraniana	50
Tabela 10	Dados históricos sobre a Seleção Australiana	51
Tabela 11	Direitos de transmissão da ESPN	54
Tabela 12	Programas de Futebol da ESPN	55
Tabela 13	Apresentadores, narradores e comentaristas de futebol da ESPN	55
Tabela 14	Comentaristas e Programas selecionados em que eles aparecem	61
Tabela 15	Continente da seleção citada e referências ao continente no Linha de Passe	63
Tabela 16	Símbolos citados pelos comentaristas	63

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFC	Confederação Asiática de Futebol
CAF	Confederação Africana de Futebol
CONCACAF	Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe
CONMEBOL	Confederação Sul-Americana de Futebol
OFC	Confederação de Futebol da Oceania
UEFA	União das Associações Europeias de Futebol

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 O JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL	18
1.1 Jornalismo de opinião	19
1.2 O comentário no jornalismo brasileiro	20
1.3 O telejornalismo esportivo no Brasil	22
1.4 Valores-notícia no jornalismo esportivo	25
2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	34
2.1 Conceito de representações sociais	35
2.2 Identidade nacional	37
2.3 Imaginário sobre os continentes	39
2.4 Eurocentrismo	42
2.5 Histórico das principais seleções citadas	44
3 O LINHA DE PASSE NA COPA DE 2018	52
3.1 Linha de Passe	53
3.2 Representações sobre qualidade das seleções e dos jogadores	62
3.3 Administração das seleções	71
3.4 Referência às culturas e aos países	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
BIBLIOGRAFIA	77

INTRODUÇÃO

Ainda sob efeito da derrota do Brasil sob o Uruguai em pleno Maracanã em 1950, Nelson Rodrigues publicou, durante a Copa de 1958, uma crônica que serviria como uma alfinetada contra nós, brasileiros. Em “Complexo de Vira-Latas”, texto publicado à época nas páginas do jornal Manchete Esportiva, o cronista descreve o sentimento de inferioridade dos brasileiros em relação ao resto do mundo: “Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo¹”.

Embora tal definição trate de um sentimento de inferioridade em relação ao mundo em geral, o chamado “vira-latismo” tem por base especialmente a centralidade que o continente europeu exerce sobre nós desde o processo colonizador até os dias de hoje. Mas essa característica não define apenas a identidade nacional (Roberto DaMatta) brasileira, e sim ao menos a América Latina em geral, região cujos países passaram por processo similar de colonização europeia.

Os primeiros relatos sobre futebol (não no formato atual) datam do século III a.C., na dinastia Han (China, o esporte ts’uh kúh). Naquele momento, o jogo consistia em colocar bola em uma pequena rede. Existiram variações também no Japão, onde era definido como kemari, sendo ainda hoje visto em eventos culturais. E, após isso, na Itália, durante o império romano; e na Grécia.

O futebol teve sua criação no século 19 (1863), na Inglaterra, e aos poucos foi passando para seus vizinhos, chegando, assim, à Europa como um todo. Todavia, o fortalecimento do continente perante os outros vem de uma “desigualdade” definida por Immanuel Kant (1784), que servia como mecanismo de subjugação e fortalecia o sentimento de colonialismo (principalmente na África e nas Américas).

As ilhas britânicas foram preponderantes para o crescimento do futebol, pois Escócia (1873), País de Gales (1875) e Irlanda (1880) fundaram suas associações esportivas nacionais. Após isso, Holanda e Dinamarca (1889), Nova Zelândia (1891), Argentina (1893), Chile, Bélgica e Suíça (1895), Itália (1898), Alemanha e Uruguai (1900) também fizeram parte do fortalecimento do futebol em nível mundial.

¹ RODRIGUES, Nelson. À sombra das chuteiras imortais. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. p.51- 52: Complexo de vira-latas.

No século XX, a Copa do Mundo foi criada (1930), nas três primeiras competições (com duas conquistas italianas e uma uruguaia). As edições de 1942 e 1946 não foram disputadas por causa da segunda guerra mundial. Em 1950, o Brasil em casa perdeu para o Uruguai em um Maracanã lotado. A partir de 1958, a seleção nacional conquistou a Copa em cinco oportunidades.

Desde outubro de 2015, mantenho um site chamado Mercado do Futebol², no qual abordo vários temas relacionados a contratações, pós e pré-jogos e notícias em geral. Utilizo a plataforma como forma de divulgar o futebol de lugares distantes (fiz matérias sobre Ilhas Fiji, Ilhas Maldivas, Zimbábue, Panamá, entre outros países pouco conhecidos). Sobre o objeto, pensava algo parecido com o tema deste trabalho, desde o quarto semestre, durante a disciplina de Semiótica.

Contudo, após sugestões do professor Ricardo Jorge durante disciplina ministrada por ele no quarto semestre, decidi abordar o acidente da Chapecoense, deixando de lado minha ideia inicial. No quinto semestre, na cadeira de Epistemologia com a professora Cida de Sousa, tratei dos megaeventos esportivos da Eurocopa. No sexto semestre, trabalhei em conjunto com o professor Diógenes Lycarião os critérios de noticiabilidade na mídia brasileira.

Ao chegar ao TCC 1, orientado pelo professor Robson Braga, senti-me à vontade para escolher o tema. Foi então que comecei a pensar sobre o assunto e, tendo como gancho os trabalhos que desenvolvi nas disciplinas anteriores, formatei o que se tornou uma análise do futebol em geral, mas com enfoque na noção de “eurocentrismo” empregado nos dias atuais pela mídia esportiva.

A priori, o objeto seriam as edições de novembro de 2018 do Redação SporTV (É um dos programas principais do veículo esportivo de maior audiência na TV fechada³). Contudo, o número de programas disponíveis na internet era reduzido. Por conta disso, decidi analisar o Linha de Passe, da ESPN, selecionando duas edições de cada mês, de junho a dezembro de 2018. Após considerações do orientador sobre a falta de subsídios para análise dos comentários dos jornalistas do programa sobre todos os continentes, mudei o recorte

² Mercado do Futebol. Em: <http://mercadodofutebol.net.br/> (Acesso em: 20/10/2015).

³ O povo. Veja quais canais de televisão mais vistos no Brasil em 2019. Em: <https://www.opovo.com.br/divirtase/2019/04/23/veja-quais-os-canais-de-televisao-mais-vistos-no-brasil-em-2019.html> (Acesso: 05/06/2019).

temporal, optando agora pelo período da Copa do Mundo de 2018, realizada de 14 de junho a 15 julho, na Rússia, visto que durante esse período o jornal se voltou aos times de todos os continentes em geral, referindo-se ao menos aos times que estavam participando do evento.

Após esse processo, decidi analisar de que modo o programa Linha de Passe, da emissora de televisão ESPN, enfatiza o futebol europeu em detrimento do futebol praticado em outros continentes. Partimos do pressuposto de que há um maior destaque e exaltação de equipes europeias de futebol como reforço da noção de superioridade do continente europeu. Ponderei, claro, o fato de o evento estar ocorrendo em um país europeu e o fato de uma parte considerável dos times serem europeus (14 seleções eram europeias de um total de 32). Para a investigação, analisamos cinco edições do programa (15, 17, 19 e 24 de junho e 6 de julho) durante a Copa do Mundo de 2018.

Para análise, combinamos o uso de dois métodos de investigação: a análise de conteúdo e a análise de discurso. O método de análise de conteúdo advém do positivismo de Augusto Comte como forma de valorizar as ciências como paradigma de pensamento e referência do espírito humano. O método busca investigar fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas.

A análise de conteúdo é sistemática porque se baseia num conjunto de procedimentos que se aplicam da mesma forma a todo conteúdo analisável. É também confiável – ou objetiva – porque permite que diferentes pessoas, aplicando em separado as mesmas categorias à mesma amostra de mensagens, podem chegar às mesmas conclusões (LOZANO, 1994, p. 141-142).

Na análise de discurso, a versão francesa do método enfatiza o emissor e sua reprodução de discursos sociais (religioso, científico, jornalístico etc.). Na Inglaterra, o método é conformado dando destaque à pragmática, em detrimento da semântica e da sintaxe. Na versão inglesa, ganham destaque os atos de fala.

Para embasar teoricamente a investigação, adotamos especialmente os conceitos de representações sociais (Serge Moscovici e Stuart Hall) e identidade nacional (Roberto DaMatta) e a noção de eurocentrismo (Jack Goody e Shohat e Stam).

Para apresentar os resultados desta pesquisa, dividimos esta monografia em três capítulos. No primeiro, apresentamos o jornalismo de opinião (atualmente no Brasil e historicamente no mundo), a construção do comentário no jornalismo nacional, o jornalismo

esportivo no país e a questão dos valores-notícia como forma de refletir sobre os critérios para publicação de matérias.

Já no segundo capítulo, refletimos sobre o conceito de representação social, tendo por base autores como Serge Moscovici, citando o trabalho do sociólogo Émile Durkheim e as reflexões de Stuart Hall. Nelson Rodrigues com seu complexo de vira-lata e Roberto DaMatta com a abordagem a identidade nacional foram importantes na análise. Finalizo com o imaginário sobre os continentes, o eurocentrismo e o histórico de algumas seleções.

Por fim, no terceiro capítulo, analisamos primeiramente a ESPN como um todo (jornalistas, programas e os direitos de transmissão). Após isso, centramos esforços na análise (conteúdo e de discurso) sobre o modo como o programa Linha de Passe conformou representações sobre os continentes ao tratar dos times que disputaram a Copa do Mundo de 2018.

1 A OPINIÃO NO JORNALISMO ESPORTIVO

Comentários jornalísticos, um dos formatos do gênero de opinião, são a principal marca do nosso objeto de investigação, o programa Linha de Passe, da emissora de televisão ESPN. Por conta disso, este capítulo tem como abordagem principal os aspectos referentes à opinião no jornalismo esportivo. Para iniciar, abordaremos, no primeiro tópico, o jornalismo de opinião em geral, apresentando uma definição, além de conceitos de autores como Melo, Silva, Costa e Beltrão sobre a formulação do conceito no século 18 e as transformações da opinião em decorrência do surgimento e aprimoramento da internet.

No segundo tópico do capítulo, apresentaremos a constituição do comentário no jornalismo nacionalmente. Primeiro com a publicação, no início do século 19, de um jornal brasileiro, porém elaborado na Europa. Em seguida, abordaremos o jornalismo e a relação com os períodos do século 19 e 20, além de jornalistas importantes para o amadurecimento do conceito, como Boris Casoy e Ricardo Boechat.

No terceiro tópico, comentamos sobre o jornalismo esportivo no país. Contando as histórias de jornalistas importantes e seus simbolismos, seja quanto à igualdade de gênero, ao modo como esses jornalistas procedem perante o seu “clube do coração” ou até mesmo quanto à entrada de alguns no universo político.

Finalizando, tratamos de valores-notícia, a exemplo de controvérsia, êxito, insucesso, personalização, proeminência e proximidade cultural, definidos por autores como Miguel Rodrigo Alsina, Christiane Eilders, Mauro Wolf, Galtung e Ruge. Ainda buscamos identificar na prática a presença dos critérios no processo decisório da seleção de notícias, principalmente em relação aos jogadores brasileiros e aos números de times nos países.

1.1 Jornalismo de opinião

O jornalismo de opinião tem seu início juntamente com a Revolução Industrial, que colocou o jornal como produto empresarial, adotando a eficácia e a objetividade como pilares centrais da profissão.

No dicionário de língua portuguesa Aurélio, o termo “opinião” tem como sinônimos modo de ver, pensar, deliberar, parecer, conceito, juízo, reputação, ideia, teimosia ou capricho. As duas primeiras palavras da lista são as mais próximas do jornalismo, pois o modo de ver ou pensar sobre um assunto é preponderante no modo de comunicar essa informação aos seus leitores.

O jornalismo de opinião foi formulado no século 18 em conjunto com os processos de revolução nos Estados Unidos (1776) e na França (1789). Beltrão (1980) definiu que, independentemente do seu lado, a opinião é uma função psicológica na qual o ser humano, munido de ideias e fatos, exprime um juízo sobre determinado tema. O jornalista recebe, assim, mais uma tarefa, que é a de ter um ponto de vista geral.

Segundo Silva (2009), os jornalistas faziam o chamado *gilette press*, que consistia no recorte de um texto de jornal ou livro para colocar na lauda (utilizada na época das máquinas de escrever), equivalente ao Control C + Control V (copia e cola), se considerados os dias atuais. A prática também ficava no limite ético da leitura desses escritos, uma vez que se pensava que era algo original, tratando-se somente de uma transcrição de algo já produzido.

Lailton Costa (2008) observa que, apesar das mudanças decorridas da internet, principalmente pelo interesse na criação de blogs de jornalismo pessoal e pela publicação de textos híbridos, o jornal impresso e televisivo (em que predomina o editorial, o comentário e a crônica) pouco modificou, nos últimos anos, os formatos opinativos adotados. Contudo, em dias em que há divergência de pensamento, os jornalistas podem emitir seu posicionamento.

Contudo, o comentarista não é julgador partidário, alguém com proselitismo ou doutrinação. É um analista que aprecia os fatos, estabelece conexões, sugere desdobramentos, mas procura manter, até onde que é possível, um distanciamento das ocorrências. Isso não quer dizer que seja neutro. [...] Em síntese, assume-se como juiz da coisa pública. Orienta sem impor. Opina sem paixão. Conduz sem se alinhar (MELO, 2003, p. 112).

Segundo Beltrão (1980), o jornal tem como obrigação colocar a sua opinião, valorizando, assim, a atividade além de expressar de forma honesta e digna a intenção de

orientação (seja qual for) perante o leitor. O importante também é se posicionar sem mudar os fatos, contribuindo, assim, com o bem-estar e a harmonia da sociedade como um todo. A posição adotada não dependerá da concordância ou não do leitor, pois dificilmente agradará à totalidade do público.

Chaparro (2009) define a rigidez na apuração e a depuração como indispensáveis ao relato, além das intervenções de valor com intenções e interesses estabelecidos. O autor defende a separação entre notícia e opinião, além de afirmar que o comentário é ineficaz sem fontes e dados confiáveis. A criticidade ou a explicação depende do bom trabalho jornalístico antes da postagem do fato.

Falecido em 2018, Cláudio Abramo considerava que o jornalismo era, sobretudo, a prática diária da inteligência e o exercício do caráter. Ele afirmava que a profissão em si não possuía uma ética própria, sendo a ética do jornalista aplicada ao cidadão em geral. Foi um dos fundadores da ONG Transparência Brasil e atuou fortemente até seus últimos dias no combate à corrupção no nosso país.

1.2 O comentário no jornalismo brasileiro

Berger e Tavares (2008) relatam que os gêneros jornalísticos estão longe de um consenso, uma vez que existe uma realidade com vários espaços geográficos e, assim, com muitos pontos de vista diferenciados. Tal fato, queira ou não, reflete nas diferenças de definição presentes nos ensaios teóricos relacionados ao tema. Nesse sentido, o comentário, formato de opinião, é uma pequena ponta no emaranhado de pensamentos sobre o jornalismo.

Embora produzido na Europa, em 1808, o jornal Correio Braziliense é apontado por pesquisadores como Lustosa (2003) como o início da história da imprensa brasileira. Com a saída da corte portuguesa do Brasil, em 1821, e a independência do país no ano seguinte, outros jornais como a Gazeta do Rio de Janeiro se instalaram e iniciaram o processo de consolidação dos grupos como empresas jornalísticas.

Com base nos escritos de Beltrão (1980), Antunes define como fase predominante da imprensa opinativa o momento que se entende do período regencial (1831-1840) ao final do século 19. O período foi marcado pela adoção dos padrões de agilidade e eficácia, diferentemente do que é a opinião em seu estado bruto (a periodicidade dos jornais aumentaram), pois o jornalista precisa de um tempo e preparo maior para obter êxito quanto à elaboração dessa tarefa.

Segundo Melo (2003) o gênero opinativo consiste em, além de informar, deixar transparente a quem acompanha a opinião do veículo de comunicação ou do profissional, atribuindo um valor ao acontecimento. Por isso é tão importante a argumentação embasada de um jornalista, não para afirmar o que seria melhor ou para inflar seu ego, e sim para apresentar pontos de vista e argumentos ao público.

Épocas como a República Velha (1889-1930), o Estado Novo (1937-1945) e o Regime Militar (1964-1984) reforçaram o apoio inicial dos jornais a determinado lado ideológico, com a mudança de pensamento no meio da trajetória, após a censura do governo para com a imprensa. Getúlio Vargas foi apoiado em 1930, sendo que dois anos depois os periódicos queriam a redemocratização, obtendo, assim, uma resistência do governo.

No entanto, o clima amistoso não durou muito. Em 1932, muitos periódicos apoiaram a campanha em prol da redemocratização do Brasil e acabaram tendo suas sedes depredadas, a exemplo do jornal Diário Carioca (LIRA NETO, 2013 *apud* LUCA, 2008, p.166).

Dois jornalistas são expoentes no modo de fazer opinião. Antes de se tornar apresentador de televisão, Boris Casoy era editor do jornal impresso Folha de S.Paulo. Ele tentou se desvencilhar do modelo consolidado até o momento, que conduzia o telejornal através da leitura de notícia, e procurou entrevistar, além de emitir seus comentários nos fatos ali presentes, seja sobre qualquer assunto.

O jornalismo opinativo tem como um dos seus objetivos levar um pensamento mais apurado sobre a realidade da notícia, conformando um fluxo entre empresa, jornalista e leitor. O argentino Ricardo Boechat (1952-2019) é uma das maiores influências no assunto, mas, antes de emprestar sua voz à Band News FM e à Rede Bandeirantes, trabalhou no Jornal O Globo e no já extinto Diário de Notícias.

Aos poucos, o comentário foi adentrando o noticiário esportivo, porque o futebol no Brasil, o basquete nos Estados Unidos ou o surf no Taiti, entre outros, tornaram-se parte da cultura. Tais esportes foram aos poucos sendo pautados massivamente pelo jornalismo, responsável por transmitir competições principalmente por meio de emissoras de rádio e televisão, compondo muitas vezes mesas-redondas com jornalistas que expõem suas opiniões sobre times ou jogos.

1.3 O jornalismo esportivo no Brasil

No início, a crônica tinha seu espaço nos jornais e atualmente ainda é tradição. Mário Filho (conhecido principalmente por emprestar seu nome ao estádio Maracanã, no Rio de Janeiro) foi um jornalista fundamental para a construção de uma nação através do futebol. O seu livro “O negro no futebol brasileiro” destacou a mistura de raças como ponto central e positivo. A obra contou com colaboração conceitual e prefácio do célebre autor de Casa Grande e Senzala, Gilberto Freyre.

O jornalismo esportivo é o responsável por divulgar tudo o que acontece em relação ao esporte. O que vai desde o conceito de esporte como ferramenta de inclusão social até os noticiários especializados em modalidades esportivas de alto rendimento, onde estão condicionados aspectos como entretenimento e profissionalismo. Todo assunto de interesse da sociedade que envolva esporte é objeto do jornalismo esportivo. (GURGEL p.195, *apud* PENA, 2005, p. 81).

O comentário aparece com muita propriedade no cenário esportivo brasileiro, apesar de existir alguns outros formatos. Como exemplo, destacamos o programa Mesa Redonda, da TV Gazeta. Criado em 1975, teve âncoras como Roberto Avallone (1947-2019), conhecido pelo bordão palestra (pois era palmeirense e explicitava suas posições pessoais sobre os clubes de futebol).

Muitos profissionais são levados pela “imparcialidade” e ocultam o seu “time de coração”. Contudo, alguns elementos sutis acabam por demonstrar certa parcialidade, o que faz com que muitos torcedores percebam suas opções pessoais com facilidade. Nos casos de Renata Fan (torcedora do Internacional) e Mauro Beting (torcedor do Palmeiras), o fato de falarem abertamente sobre o assunto não parece desmerecer seu conhecimento perante o público, seja por qual for o time.

Mauro Beting é geralmente lembrado por uma frase emblemática: “Um jornalista pode torcer para um time, só não pode distorcer”. Independentemente da sua paixão no futebol, o que não é bem recebido são deturpações dos fatos para privilegiar ou desfavorecer seu clube ou o time rival.

Renata suscita outro questionamento: por que ela foi a primeira apresentadora mulher de um debate esportivo no Brasil? Seu programa, o Jogo Aberto, já possui 12 anos na Rede Bandeirantes de Televisão. Atualmente, conta com uma equipe de comentaristas composta por ex-atletas como Denílson (campeão do mundo em 2002) e Ronaldo Giovanelli (o goleiro que mais atuou com a camisa do Corinthians), mesmo sem formação acadêmica específica.

Mauro atualmente se desdobra em várias áreas, algo que aos poucos os jornalistas estão aprendendo a fazer. Ao lado de Alex Muller (Rádio Bandeirantes), fundou o site Nosso Palestra (voltado ao time do Palmeiras) e é o comentarista oficial do jogo PES (Pro Evolution Soccer). Publicou a biografia do ex-goleiro Marcos (maior ídolo palmeirense) e faz parte da UOL Esporte como colunista.

Existe também a promoção de jornalistas a cargos políticos. Jorge Kajuru, por exemplo, foi vereador primeiramente da cidade de Goiânia e agora é senador (PSB) pelo estado de Goiás. Antes disso, participou dos programas Bola na Rede, da RedeTV (de 2000 a 2002, retornando em 2008), Cartão Verde (TV Cultura, 2002-2003) e Esporte Total (Rede Bandeirantes, 2003-2004).

Na TV fechada, o programa Fox Sports Rádio conta com as presenças de Benjamin Back, Fábio Sormani, Fellipe Facincani, Flávio Gomes, Osvaldo Pascoal, entre outros. Em 2013, contava com narradores fazendo também comentários. Eram os casos de Gustavo Villani (hoje na Rede Globo), João Guilherme e Marco de Vargas (dono do bordão “tá na rede”).

Sobre o SporTV, existem dois programas. O Seleção SporTV, no comando de André Rizek (também conhecido por ser forte ativista político), aos poucos vai aumentando essa vertente no jornalismo, com comentários dos ex-atletas Petkovic (serviu com rodagem em grandes clubes do país) e Grafite. Por sua vez, o Redação SporTV é comandado por Marcelo Barreto e conta com as presenças de Milton Leite e Carlos Cereto, entre outros.

O futebol é considerado negócio desde o século passado, principalmente ao se comparar com os clubes e empresas do país em termos de gestão. Desde o início da profissionalização do esporte no país, os maiores conseguem estar em melhor situação dos que os menores. Além disso, muitos ficaram por muito tempo nos seus clubes, a exemplo de Eurico Miranda no Vasco (1944-2019) e Mustafá Contursi no Palmeiras.

Sobre a ética do jornalista, muitas máximas parecem não ser cumpridas. Entre elas, estão: separar amizade e relacionamento profissional (seja com atletas, empresários ou gestores de clubes); investigar os setores políticos e econômicos para desmascarar erros que venham acontecendo no esporte; e, principalmente, manter o interesse público acima do interesse privado.

Na tabela abaixo, abordamos a evolução do jornalismo esportivo no Brasil. A partir dos anos 1920 com a profissionalização do futebol, os jornalistas também aprimoraram sua

apuração e aumentaram a cobertura sobre os esportes em geral (principalmente o futebol). Três datas marcam essa passagem, a criação de veículos especializados (1931), primeira transmissão esportiva (1948) e a Copa do Mundo de 1950.

TABELA 1 - EVOLUÇÃO DO JORNALISMO ESPORTIVO BRASILEIRO	
1920	Início do processo da especialização do jornalismo esportivo brasileiro
1930	Processo de profissionalização ajudou na criação de veículos especializados no futebol (Jornal dos Sports no Rio de Janeiro)
1940	Primeira transmissão esportiva na televisão (Jogos Olímpicos de Londres)
1950	Transmissão da Copa do Mundo de 1950, sediada no país, cuja final foi marcada pela derrota do Brasil para o Uruguai, com placar de 1 a 2
1970	Criação da Revista Placar e surgimento do programa Esporte Espetacular
1990	Criação de sites esportivos no país
2000	Acirramento da disputa pelos direitos de transmissão dos jogos de futebol.

Fonte: Anderson Gurgel (2010).

A transmissão da Liga dos Campeões é reflexo do investimento e do retorno dos campeonatos nacionais europeus, desde 1980 com o Campeonato Italiano pela TV Bandeirantes. Os campeonatos na Alemanha, Espanha, França, Inglaterra, Itália, Portugal, Bélgica, Escócia, Estados Unidos, Colômbia, Argentina, China e México já tiveram ou têm espaço na programação dos veículos esportivos.

Na temporada, o canal ESPN detém uma parte da fatia. São transmitidos com exclusividade os campeonatos da Inglaterra e Portugal (a RedeTV fica com a exclusividade na TV aberta do campeonato inglês) e da Alemanha (são quatro jogos exclusivos divididos com a Fox Sports). A Itália tinha a transmissão de seu campeonato dividida entre ESPN e Fox Sports, que não renovaram contrato e foram substituídas pela DAZN, que também transmite o campeonato francês e a Copa da Inglaterra.

Na Espanha, cujo campeonato é transmitido pela ESPN e pela Fox Sports, a transmissão dos jogos da segunda divisão é feita pela WatchESPN (serviço de *streaming*). Sobre a Liga dos Campeões, a transmissão será feita pelos canais TNT e Space (Esporte Interativo), mas também pelo Facebook, que comprou os direitos na internet. A Copa

América foi transmitida pela Globo, que também fez a cobertura dos jogos da seleção brasileira na Copa do Mundo Feminina.

Sobre a Eurocopa, as transmissões são feitas por emissoras da Dinamarca e Suécia desde a edição de 1992. Em agosto de 2017, a Globo negociou a exclusividade na competição em 2020 com a UEFA Pro. Os valores não foram divulgados. Somente se sabe que o campeonato será em julho e será sediado em 13 países (comemorando os 60 anos do torneio), sendo a semifinal e final no estádio de Wembley, em Londres.

Há dois anos, Rafael Henzel (1973-2019) ficou famoso, após sobreviver ao acidente aéreo da Chapecoense (antes da final contra o Atlético Nacional pela Sul-Americana). Ele aproveitou o período de 849 dias (entre novembro de 2016 e o seu falecimento) para divulgar um pouco mais sobre o jornalismo no interior (algo pouco difundido atualmente). Além dele, os atletas Jackson Follmann (embaixador da equipe), Alan Ruschel e Neto sobreviveram.

Em 2016, a Chapecoense venceu o quinto campeonato estadual em sua história, após vencer o primeiro turno e superar o Criciúma na final, com uma vitória por 1 a 0 fora de casa e empate dentro de seus domínios. No Brasileiro, terminou em 11º lugar, com 52 pontos. Já na Sul-Americana, foi campeão ao eliminar Cuiabá, Independiente, Junior Barranquilla, San Lorenzo e na final o Atlético Nacional (que ofereceu o título ao clube catarinense).

Rafael Henzel se tornou um símbolo do “viver cada dia como o último”, como o próprio traduz em seu livro *Viva como se Estivesse de Partida*, em que aborda o acidente da Chapecoense e o seu atual momento. Além disso, trouxe a tônica de que o jornalismo é feito para todos, independentemente de CEP, pois a cidade de Chapecó tem apenas 216 mil habitantes, mas já entrou na lista de centros futebolísticos do país.

1.4 Valores-notícia no jornalismo esportivo

Antes de abordarmos os critérios de noticiabilidade, faz-se necessário analisar historicamente o desenvolvimento do pensamento sobre o assunto. Para isso, usaremos os autores Schudson, Golding e Elliot, Franciscato e Mauro Wolf. Os conceitos de criação de notícias, noticiabilidade, novidade e valores-notícia definem as convenções formuladas ao decorrer do tempo, principalmente envolvendo o mensageiro-jornalista e o receptor-leitor.

A criação das notícias é sempre uma interação de repórter, director, editor, constrangimentos da organização da sala de redação, necessidade de manter os laços com as fontes, os desejos da audiência, as poderosas convenções culturais e literárias

dentro das quais os jornalistas frequentemente operam sem as pensar (SCHUDSON, *apud* CORREIA, 1997, p. 133).

A criação de notícias trata da interação entre os componentes da redação com o objetivo final de alcançar a maior audiência possível. A noticiabilidade envolve os recursos disponíveis em termos de estrutura e o profissionalismo dos jornalistas para obter a credibilidade através de suas notícias. O valor-notícia ajuda na inclusão ou exclusão das matérias mediante a análise de suas “qualidades” jornalísticas.

Mauro Wolf (2003), baseado nos escritos de Golding e Elliott, define os critérios de noticiabilidade como regras práticas que abrangem conhecimentos profissionais que guiam os processos na redação. Gislene Silva (2005) elaborou uma proposta de tabela para facilitar a análise dos acontecimentos noticiáveis, utilizando critérios como impacto, proeminência, curiosidade, conflito e polêmica:

TABELA 2 - VALORES-NOTÍCIA	
IMPACTO	Número de pessoas envolvidas (no fato) Número de pessoas afetadas (pelo fato) Grandes quantias (dinheiro)
PROEMINÊNCIA	Notoriedade, Celebridade, Posição hierárquica, Elite (indivíduo, instituição, país) e Sucesso/Herói
ENTRETENIMENTO/ CURIOSIDADE	Aventura, Divertimento, Esporte e Comemoração
CONFLITO	Guerra, Rivalidade, Disputa, Briga, Greve e Reivindicação
POLÊMICA	Controvérsia e Escândalo
CONHECIMENTO/ CULTURA	Descobertas, Invenções, Pesquisas Progresso, Atividades e valores culturais; Religião
RARIDADE	Incomum, Original e Inusitado
PROXIMIDADE	Geográfica Cultural
SURPRESA	Inesperado
TRAGÉDIA/ DRAMA	Catástrofe, Acidente, Risco de morte e Morte; Violência/Crime, Suspense, Emoção e Interesse humano
JUSTIÇA	Julgamentos, Denúncias, Investigações, Apreensões, Decisões judiciais e Crimes

GOVERNO	Interesse nacional, Decisões e medidas; Inaugurações, Eleições, Viagens e Pronunciamentos
---------	---

Fonte: Gislene Silva (2005)

Através de *printscreens* de trechos de matérias do mês de março e abril de 2018 (como forma de estar próximo à Copa), veremos a utilização do valor-notícia junto ao meio de comunicação no país específico, o site Globo Esporte, um dos poucos que, no Brasil, publicam de forma mínima o futebol em todos os continentes do mundo. Os critérios da controvérsia, êxito, insucesso, personalização, proeminência e proximidade cultural serão colocados em pauta. Destacamos, contudo, que o uso do Globo Esporte aqui é meramente ilustrativo do jornalismo esportivo praticado no Brasil, não se tratando do objeto de investigação desta pesquisa (não utilizamos a ESPN, pois o site não dispõem de material abordando todos os continentes).

1.4.1 *Controvérsia*

O valor-notícia de controvérsia refere-se a uma notícia cujo tema permite diferentes análises, dependendo do seu leitor. Exemplos mais explícitos disso são o aborto e a pena de morte (EILDERS, 1997 *apud* LYCARIÃO, 2014). Esse critério será representado aqui pela notícia de que o campeonato moçambicano foi paralisado de 24 de fevereiro a 3 de março de 2018, por conta de dívidas da federação.

Figura 1 - Campeonato Moçambicano é interrompido por falta de verba

Campeonato na África é interrompido por falta de verba para transporte

Liga Moçambicana está suspensa por tempo indeterminado. Dívida é de 4,2 milhões de reais

Fonte: Globoesporte.com

As Linhas Aéreas de Moçambique (LAM) cobraram uma dívida de 77 milhões de meticais (4,2 milhões de reais) à Liga de Futebol no país, sendo 66% do valor relativo ao ano de 2018. O Campeonato Moçambicano, que conta com 16 equipes, passou uma semana sem ser realizado e a solução foi utilizar o transporte por vias terrestres (ônibus) para transportar as equipes. No final da competição, que somou 30 rodadas, o União do Songo foi o campeão. O

material aborda um fato controverso, pois se trata de uma interrupção de campeonato por causa de dívidas de uma federação (algo difícil de ser visto).

1.4.2 *Êxito*

O valor-notícia de êxito é comparado como notícias positivas em termo de consequências perante o feito (EILDERS, 1997 *apud* LYCARIÃO, 2014). O êxito vem através de um personagem, ou seja, da personalização, temática que iremos abordar nos próximos pontos. No momento, mostraremos a notícia sobre o atacante Lautaro Martínez.

Figura 2 - Matéria sobre história de Lautaro Martínez

Apaixonado pela Bahía Blanca e mais caro da Argentina: contrastes de Lautaro

Atacante de apenas 20 anos é o principal nome do Racing, adversário do Vasco nesta quinta-feira, às 19h15 (de Brasília), pela terceira rodada da fase de grupos da Libertadores

Fonte: Globoesporte.com

O atacante Lautaro Martínez, de 21 anos, é um dos jogadores de maior destaque do futebol argentino atualmente, tanto pela habilidade, como pela rapidez. O atleta foi vendido por 97 milhões de reais para a Internazionale de Milão (anteriormente esteve no Racing, time reconhecido por revelar muitos atletas). Ele já foi chamado pela Seleção Argentina em 2019, principalmente após fazer nove gols em 29 partidas pelo time italiano.

1.4.3 *Insucesso*

O valor-notícia de insucesso é comparado às notícias negativas que afetam os personagens, às vezes de forma definitiva (EILDERS, 1997 *apud* LYCARIÃO, 2014). A mídia utiliza o fator insucesso para muitas vezes perseguir certas pessoas, como forma de atrair aqueles os leitores. Às vezes, o fato de querer muitas visualizações faz o jornalismo atravessar algumas questões éticas.

Figura 3 - Matéria sobre erro do goleiro Alex Muralha

No Japão, Alex Muralha volta a pular no canto direito e sofre gol de pênalti

Albirex Niigata, time do goleiro, perdeu por 1 a 0 para o Fagiano Okayama

Fonte: Globoesporte.com

O goleiro Alex Muralha, de 29 anos, viveu fases distintas. No Figueirense, fez uma Série A de destaque e, assim, foi contratado pelo Flamengo. No início de sua passagem, chegou a ser convocado para a Seleção. Depois disso, viu seu rendimento ser reduzido, sendo muito hostilizado pela sua torcida pelas falhas, mesmo após empréstimo a um time da 2ª divisão do Japão. Atualmente está no Coritiba.

1.4.4 Personalização

Segundo Galtung e Rage (1965), a personalização é definida como ocorrências que são retratadas como ações particulares de indivíduos, atraindo um maior interesse humano pela história definida pelo jornalista. O caso selecionado aqui é o de um atleta que estava em destaque no país em que atua. As assessorias acabam por colaborar para dar visibilidade ao nome de seus clientes em alguns veículos de comunicação de forma velada.

Figura 4 - Atacante Diogo faz seu centésimo gol na Tailândia

Ex-Palmeiras, Fla e Santos, Diogo faz hat-trick e ultrapassa os 100 gols na Tailândia

Atacante, de 30 anos, garante triunfo do Buriram, líder invicto do campeonato local

Fonte: Globoesporte.com

O atacante Diogo era chamado de “promessa” (atleta que teria tudo para despontar em grandes centros). Contudo, após passar por algumas equipes expressivas do país e da Europa (no caso, o Olympiakos, da Grécia), o atleta chegou ao Buriram United, da Tailândia. Em

quatro temporadas, já se tornou ídolo da torcida e chegou à marca de 102 gols em 116 partidas no país asiático. Atualmente está no Johor, da Malásia.

1.4.5 Proeminência

O valor-notícia de proeminência diz respeito especificamente ao universo esportivo e se refere ao nível de fama que uma pessoa detém no futebol, independentemente do seu poder político. Na hierarquia administrativa, a FIFA é a maior organização, seguida das organizações continentais (UEFA, CONMEBOL, AFC, CONCACAF, CAF e OFC). Em um terceiro nível, encontram-se as organizações nacionais (ex: FFF - Federação Francesa de Futebol) e, por último, as organizações estaduais.

TABELA 3 - SIGLAS DAS FEDERAÇÕES	
AFC	Confederação Asiática de Futebol
CAF	Confederação Africana de Futebol
CONCACAF	Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe
CONMEBOL	Confederação Sul-Americana de Futebol
OFC	Confederação de Futebol da Oceania
UEFA	União das Associações Europeias de Futebol

Fonte: Do autor

Figura 5 - Matéria sobre “segredo do sucesso” da Costa Rica

Proyecto Gol é o segredo do sucesso do futebol da Costa Rica

Em parceria com a FIFA, adversário do Brasil na fase de grupos da Copa de 2018 usa complexo de treinamentos para investir na continuidade de resultados surpreendentes nos gramados

Fonte: Globoesporte.com

A seleção costarriquenha vem evoluindo desde a década de 1990. Em 2014 conquistou um feito histórico ao eliminar Itália e Inglaterra na Copa do Mundo. Nas oitavas, eliminou a Grécia e somente parou nas penalidades contra a Holanda. O sucesso é destinado ao Projeto

Gol, da FIFA, que tem o objetivo de popularizar o esporte nos países onde o investimento é menor. Ano passado, parou na 1ª fase.

1.4.6 Proximidade Cultural

Os autores Galtung e Rage (1965) definiram a noção de “proximidade cultural” como sendo um recurso que interfere na exclusão ou inclusão de determinados conteúdos do noticiário. Um critério parece valer tanto para a França, como para as Ilhas Fiji: se tiver jogador(a) brasileiro(a) em qualquer parte do mundo, ele estará presente no noticiário brasileiro. São 1200 brasileiros atuando em 70 países, segundo o Observatório do Futebol.

Figura 6 - Matéria sobre recorde de gols do atacante Bobô

Ex-Corinthians, Bobô marca duas vezes e bate recorde de gols na Austrália

Atacante brasileiro ajuda líder Sydney a vencer o Perth Glory e se torna o jogador a balançar as redes mais vezes numa única temporada no país da Oceania

Fonte: Globoesporte.com

O atacante Bobô, de 33 anos, apesar de não ser um nome muito lembrado no país, tem excelente passagem pelo Besiktas, tendo passado pela seleção nacional em 2008. Ele chegou à Austrália em 2016 e fez 52 gols em 71 partidas no time mais tradicional do país. O fator “recorde” é destacado na matéria. Atualmente, o jogador está sem clube, após ser dispensado do Alanyaspor, da Turquia.

Segundo Alsina (1995), a proximidade geográfica supõe uma maior relevância para si mesma: quanto menor a distância, maior o círculo noticioso. Exemplo seria o destaque que um jornal estadual atribui a um time de seu estado ou até mesmo quando um veículo de comunicação se pauta por um determinado atleta brasileiro que esteja fazendo sucesso em um país pouco conhecido, o que seria considerado como “proximidade afetiva”.

Quanto a essa questão, destacamos o fato de as assessorias de imprensa colocarem seus clientes (os atletas) à disposição dos veículos de comunicação. Em alguns deles, jogadores que atuam em certos países pouco conhecidos ganham visibilidade. No caso da

ESPN, em entrevista com Eduardo Tironi (27/03/2019), ele nega o diálogo assessorias: “Não existe. Observamos os jogadores principais que jogam nos principais centros”.

A tabela de número 4 define os principais destinos de atletas brasileiros (em números de clubes). O primeiro lugar é Portugal (114), vindo na sequência Japão, Itália, Arábia Saudita, China e Turquia. Tirando Portugal e Itália, países com menor repercussão estão entre os principais lugares em termos de contratação.

TABELA 4 - NÚMERO DE BRASILEIROS QUE ATUAM EM CLUBES DE FUTEBOL FORA DO BRASIL (FEVEREIRO DE 2019)⁴	
Portugal	114
Japão	47
Itália	41
Arábia Saudita, China e Turquia	30
Espanha	29
Inglaterra	23
Estados Unidos	21
Tailândia	20
Alemanha e França	18
Grécia	17
México	14
Catar e Bolívia	12
Coreia do Sul	11
Emirados Árabes Unidos e Bélgica	10
Hong Kong, Chipre, Indonésia e Bulgária	9
Malta, Rússia, Ucrânia e Índia	8
Dinamarca	7
Suíça, Hungria, Malásia e Suécia	6
Lituânia	5

⁴ Ogol. Pesquisa jogadores. Em: http://www.ogol.com.br/search_player.php?op=all&nac=6 (Acesso em: 09/02/2019).

Finlândia, Holanda e Israel	4
Uruguai, Canadá, Egito, Irã, Chile e Romênia.	3
Cazaquistão, Azerbaijão, Omã, Polônia, El Salvador, Argentina, Noruega, Vietnã, Kuwait, Croácia e Paraguai.	2
Equador, Marrocos, Líbano, Kosovo, Angola, Macau, Islândia, Maldivas, Luxemburgo, Gibraltar, Peru, Letônia, Iraque, Albânia, Tunísia, Costa Rica, Áustria, Sudão, Barein, Eslovênia, Bielorrússia e Andorra.	1

Fonte: Ogol

2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Este capítulo está dividido em cinco partes. A primeira é dedicada ao conceito de representações sociais. Parte da noção própria à Psicologia Social de Serge Moscovici (universo reificado e o consensual), perpassando a sociologia de Émile Durkheim e chegando à definição conceitual acerca do campo da comunicação, tendo por base especialmente o pensamento de Hall e Barbosa.

No segundo tópico, a identidade nacional é debatida por jornalistas como Nelson Rodrigues (que criou o termo “complexo de vira-lata”, dias antes da final da Copa do Mundo de 1958), teóricos como Roberto DaMatta (um dos pioneiros na análise do futebol explorando especialmente o fenômeno no contexto dos subúrbios) e escritores como Graciliano Ramos, que definiam o esporte como algo somente para os ricos.

Já no terceiro tópico, refletimos sobre a elaboração de imaginários, bem como o imaginário positivo sobre Europa, que costuma prevalecer em detrimento das demais regiões do mundo, a exemplo do Oriente Médio (segundo Demant e Said) e da África (partindo desde o nome colocado), geralmente percebidos sob um viés mais pejorativo; além de outros como a América Central (Gomes) e a Oceania, lembrados pontualmente em um aspecto seja social ou esportivo.

No tópico quatro, apresentamos a noção de “eurocentrismo” e suas implicações no mundo inteiro, tendo por base Magreb e Mashreq. O Oriente é somente definido assim por causa da Europa, porém existem outros pensamentos sobre esta região, a exemplo da China, que define o Oriente Médio como “o ocidente asiático”. Além disso, existe o controle indireto político, militar e cultural através de organizações.

Finalizando, apresentamos o histórico das principais seleções (Brasil, Argentina, Espanha, França, Inglaterra, Portugal e Alemanha) e também de países que não estão no centro do futebol (Egito, Peru, Panamá, Austrália, Islândia e Irã). A análise mistura elementos históricos com situações atuais (exemplo da multiculturalidade na seleção francesa) até o fato de o Irã não ter atuado nas eliminatórias de 1986.

2.1 Conceito de representações sociais

O conceito de representação social foi elaborado por Serge Moscovici com o intuito de explicar a realidade social, considerando as dimensões históricas e críticas. O conceito perpassa o limite entre a Psicologia e a Sociologia, tendo como ponto de partida as reflexões sociológicas promovidas por Émile Durkheim acerca das representações coletivas, por meio das quais se buscava explicar fenômenos como religião, mitos e categorias de tempo e espaço.

A definição de Moscovici (1978) para o tema é que tal fenômeno seria uma entidade quase tangível. Elas (representações) circulam e se cruzam de forma incessante por intermédio de fala, gesto ou encontros em nosso cotidiano, construindo assim uma modalidade de conhecimento particular que tem como mediação a elaboração de comportamentos e a comunicação entre os indivíduos.

O modo mesmo de sua produção se encontra nas instituições, nas ruas, nos meios de comunicação de massa, nos canais informais de comunicação social, nos movimentos sociais, nos atos de resistência e em uma série infindável de lugares sociais. É quando as pessoas se encontram para falar, argumentar, discutir o cotidiano, ou quando elas estão expostas às instituições, aos meios de comunicação, aos mitos e à herança histórico - cultural de suas sociedades, que as representações são formadas (GUARESCHI, 1997, p. 20).

Outra concepção muito utilizada sobre o tema é Sá (1998, p. 50), que considera o seguinte: “Como modalidade de pensamento prático, as Representações Sociais são alguma coisa que emerge das práticas em vigor na sociedade e na cultura e que as alimenta, perpetuando-as ou contribuindo para sua própria transformação”. Então, em termos gerais, o fenômeno das representações é oriundo da sociedade e da cultura.

Segundo Moscovici (1978), representar um objeto e ao mesmo tempo conferir-lhe um sentido é conhecer e tornar algo significativo, ou seja, familiar. Existem duas formas de conhecimento que podem explicar este conceito: o universo reificado e o consensual. De acordo com Oliveira e Werba (2001), o universo reificado são os mundos restritos (onde se abordam as ciências e a objetividade) e o universo consensual são as noções de senso comum. Moscovici é o responsável pela mudança metodológica no âmbito da Psicologia Social.

A representação social é um corpus organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas, e liberam os poderes de sua imaginação (MOSCOVICI, 1978, p. 28).

No jornalismo, os meios de comunicação de massa alcançam uma grande audiência em um pequeno espaço de tempo. Apesar de heterogênea, ela é geograficamente dispersa e constituída de membros anônimos, mesmo que o veículo se dirija de alguma forma a uma determinada parcela da população, o chamado público-alvo (seja por faixa-etária ou por grau de escolaridade).

Para Barbosa e Rabaça (1987), teóricos como Adorno e Horkheimer discordam quanto ao uso do termo “cultura de massa”, assim podem chegar a uma compreensão errônea de um surgimento de uma civilização formulada de si mesmo. Sendo um dos fenômenos mais importantes a substituição da ideologia pelo culto às celebridades, vale mais parecer do que exatamente ser.

A teoria das representações sociais elaborada por Moscovici aborda aspectos em termos de produto e processo. Para Abric (1994, p. 188), a representação é atividade mental pela qual um grupo reconstitui o real, atribuindo uma significação específica sobre o produto, permitindo que os sujeitos em contato com determinado objeto orientem sua comunicação, ação e conhecimento.

Jean Claude Abric (1996, p. 10) reafirma a importância do tema ao dizer: “Isto porque, para além das tomadas de posição ideológicas, a análise científica das mentalidades e das práticas sociais será um dos elementos indispensáveis à evolução e ao progresso social. E a teoria das Representações Sociais constitui hoje um sistema teórico particularmente importante para atingir esse objetivo”.

Segundo Hall (1997), a representação seria a produção de sentido através da linguagem. Para explicar de forma mais metódica, ele dividiu em três aspectos: reflexivo, intencional e construtivista, sendo a última a mais importante. Em uma análise simplista (definida como equação matemática), dizia que a representação era igual ao sentido mais a linguagem.

No cerne do processo de significação na cultura surgem, então, dois “sistemas de representação” relacionados. O primeiro nos permite dar sentido ao mundo por meio da construção de um conjunto de correspondências, ou de uma cadeia de equivalências, entre as coisas, pessoas, objetos, acontecimentos, ideias abstratas etc. e o nosso sistema de conceitos, os nossos mapas conceituais. O segundo depende da construção de um conjunto de correspondências entre esse nosso mapa conceitual e um conjunto de signos, dispostos organizados em diversas linguagens, que indicam ou representam aqueles conceitos. A relação entre “coisas”, conceitos e signos se situa, assim, no cerne da produção do sentido na linguagem, fazendo do processo que liga esses três elementos o que chamamos de “representação (HALL, 1997, p. 38).

Em linhas gerais, Stuart Hall define a teoria mimética como proposição entre uma relação transparente de reflexão entre as palavras e as coisas. A teoria intencional como redução a representação de intenções do autor ao sujeito; e a teoria construtivista como relação complexa entre as ponderações do mundo, os conceitos em nosso pensamento e linguagem.

Em termos metodológicos utilizaremos o conceito de Sá para analisar as relações entre a sociedade, representações e o futebol na Copa do Mundo de 2018 no ponto de vista do programa Linha de Passe, da ESPN.

2.2 Identidade nacional

O futebol compõe hoje a identidade nacional brasileira, mas nem sempre foi assim. Em 1919, o escritor Lima Barreto criou a liga anti-futebol. E, em 1921, Graciliano Ramos, na crônica Traços a Esmo, afirmava que era uma moda fugaz, por ser algo elitista. Contudo, após a profissionalização do esporte em 1933, se direcionava cada vez mais às camadas populares. Apesar da criação das arenas multiuso e das camisas caras, o pensamento é de aproximação.

As identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas; no interior da representação. Nós só sabemos o que significa ser "inglês" devido ao modo como a "inglesidade" (Englishness) veio a ser representada - como um conjunto de significados - pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentido - um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da idéia da nação tal como representada em sua cultura nacional (HALL, 1992, p. 49).

Em 1958, o Brasil ainda não era campeão do mundo, mas já havia passado por um momento triste em sua história. No Maracanã lotado (172 mil espectadores), na final da Copa do Mundo de 1950, a seleção brasileira perdeu para o Uruguai por 2 a 1. Na época, os torcedores colocaram a culpa de forma injusta no goleiro Barbosa, que carregou o sentimento da derrota até o dia de seu falecimento, em 2000. Mesmo sendo campeão pela seleção no ano anterior, na Copa América.

Certamente, a criatura mais injustiçada na história do futebol brasileiro. Era um goleiro magistral. Fazia milagres, desviando de mão trocada bolas envenenadas. O gol de Ghiggia, na final da Copa de 50, caiu-lhe como uma maldição. E quanto mais

vejo o lance, mais o absolvo. Aquele jogo o Brasil perdeu na véspera (Trecho da crônica “1950 de cada um de nós”, de 1994, de Armando Nogueira)⁵.

O episódio levou Nelson Rodrigues a cunhar, oito anos depois, o termo “complexo de vira-lata”, uma síndrome da qual o brasileiro em geral sofreria não somente no âmbito do futebol, mas em geral, sendo definida como uma descrença dos brasileiros em seu potencial e uma noção de inferioridade perante o mundo, principalmente quando o interlocutor se trata de um europeu. Mesmo vencendo, as derrotas são mais marcantes para nós. Basta comparar a lembrança das eliminações de 1950 e 2014 (7 a 1 para Alemanha) em detrimento das conquistas de 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002.

Rodrigues (1950) exemplificou o complexo na partida amistosa entre Inglaterra e Brasil em 1956, no estádio Wembley, em Londres. Apesar de historicamente sairmos vencedores (11 vitórias contra 4 derrotas), a seleção se inferiorizou de forma voluntária e acabou sendo derrotada. Em 1950, o ex-volante Obdulio Varela (venerado pelos uruguaios e chamado de *El Jefe Negro*) foi um dos principais responsáveis pela nossa derrota em campo.

No meio acadêmico, havia uma resistência ao se falar em futebol e, quando se abordava o tema, era como “ópio do povo”, sob um viés marxista. No entanto, Roberto DaMatta (1982) trouxe questionamentos acerca da dualidade entre “esporte na sociedade” e “sociedade no esporte”, o futebol em diferentes sociedades e o subúrbio como celeiro de craques (caso de Leandro Damião, atualmente no Kawasaki Frontale, entre outros atletas).

Na sociedade brasileira (o futebol é) uma fonte de individualização e possibilidade de expressão individual, do mesmo modo, e pela mesma lógica, é dentro de um time de futebol que um membro dessa massa anônima e desconhecida pode tornar-se uma estrela e assim ganhar o centro das atenções como pessoa, como uma personalidade singular, insubstituível e capaz de despertar atenções (DAMATTA, 1982, p. 27).

Roberto DaMatta utiliza o pensamento do sociólogo francês Marcel Mauss acerca do fato social, definido como um fenômeno que ocorre de forma simultânea em vários níveis de uma sociedade. Gastaldo (2001, p. 125) infere que o futebol era objeto de apropriações ideológicas diversas para compor uma identidade nacional, no qual servia como principal aglutinador do povo.

⁵ Ronaldo Helal. Brasil se crê o mais entendido em futebol. Em: <https://comunicacaoesporte.com/2010/10/30/ronaldo-helal-%E2%80%98brasil-se-cre-o-mais-entendido-em-futebol%E2%80%99/> (Acesso em: 06/05/2019).

2.3 Imaginário sobre os continentes

Ao analisarmos a Europa, vemos que se trata do segundo menor continente em extensão (colocando todas as Américas como um só continente) e do terceiro maior em população. Entre os séculos 16 e 20, continente detinha o controle da cultura e da política em parte do mundo. No início do século 20, contava com 25% da população mundial. Atualmente, esse percentual diminuiu para 11%.

Os países europeus foram responsáveis pelas duas guerras mundiais, perdendo espaço para os Estados Unidos durante o desenrolar dos conflitos militares. No século 19, através de uma crise econômica, milhares de europeus deixaram o continente e rumaram para a América (entre os países, o Brasil) e para a Oceania (que abriga Austrália e Nova Zelândia, os dois únicos países de primeiro mundo do Hemisfério Sul).

Segundo Demant (2004, p. 15), o termo Oriente Médio (em inglês, Middle East) vem de uma origem eurocentrista, partindo da Inglaterra, que no século 19 tinha o domínio de $\frac{1}{4}$ da terra. Atualmente a região tem a presença de 400 milhões de muçulmanos e comporta países como Arábia Saudita, Bahrein, Catar, Chipre, Egito (África), Emirados Árabes, Iêmen, Irã, Iraque, Jordânia, Kuwait, Líbano, Omã, Palestina, Síria e Turquia (Europa).

Said (2007, p. 115) coloca o orientalismo como uma visão europeia sobre os sonhos, imagens e vocabulários disponíveis se tentar falar da região. Os fatores como língua, comportamento e religião se incluem de forma central, assim até respinga no que os brasileiros pensam sobre o Oriente (não sendo considerado como “Ásia” quando comparado ao Japão, Coréia do Sul ou China; nem como “África” quando se analisa a parte sul do continente).

Nos programas esportivos brasileiros, a noção de “sheik” se destaca, em forma de estereótipo. O futebol saudita passou por uma reformulação quanto à gestão dos gastos das equipes, à melhoria da base, à inclusão das mulheres nos estádios, ao aumento do número de times e de estrangeiros no campeonatos.

Era mais latente essa construção de estereótipos na década de 1990 nos documentários e filmes produzidos por Hollywood (apesar de ser dos Estados Unidos, carrega traços de outros continentes).

Sobre o continente africano, o exercício é de desvendar a realidade através dos mitos. Waldman (2004) define que, ainda que existam estereótipos para as demais regiões, a África, mais do que qualquer outro lugar no planeta, terminou encoberta por preconceitos que até

hoje preponderam em sua percepção. A definição da África do Sul como a totalidade do continente africano é resultado desse fenômeno representacional.

O imaginário europeu devotou para as terras africanas e para os seus habitantes um amplo leque de injunções desqualificantes, muitas vezes respaldadas pelos expoentes da chamada "grande intelectualidade europeia". A África, condenada ao papel de espaço periférico da humanidade, além de considerada desprovida de interesse para a civilização, seria igualmente alheia a ela (ANJOS, 1989, p. 14).

O pensamento europeu sobre o continente africano é de fornecedor de mão de obra e matéria-prima. Se não fosse por isso, poderia ser totalmente relegada da história. As imagens constituídas sobre a África costumam ser de “calor”, “territórios tomados por animais inusitados”, “pobreza”, “subdesenvolvimento”, “doença”, “guerra entre tribos”, “analfabetismo”, “refugiados” e “falta de perspectiva”.

Um caso emblemático atualmente é a renomeação da Suazilândia para ⁶eSwatini (que significa terra dos swazis, principal grupo étnico do país). No aniversário de 50 anos de independência, o rei Mswati III declarou o retorno do nome em uma proclamação na capital Mbabane, com o objetivo de retirar os resquícios de colonialismo inglês.

Reichert (2011) aponta que no ensino básico houve uma expansão significativa da quantidade e muitas vezes foi deixada a qualidade de lado. Muito incentivado pela ideia de imaginário, as escolas brasileiras chamavam a história geral o que era basicamente os relatos de povos europeus, sendo nem todos eles representados, como Hungria, Noruega, Sérvia, Grécia, Moldávia, entre outros países.

Segundo Ishibashi (2004), a parte dos livros brasileiros de História que abordavam a Europa, Ásia e América Latina corresponde a 90%, 2% e 1%, respectivamente, enquanto no Japão a divisão é de 50%, 40% e 2%, respectivamente.

Podemos obter toda a História da China, Japão, Coreia e outros países, o que seria impensável em épocas passadas. Desde a antiguidade até os tempos atuais. A questão é: países importantes no mundo são apenas citados ou omitidos nos livros de História Geral do Brasil. Mesmo países tão significativos quanto a Austrália não são estudados. Mesmo países ocidentais são omitidos ou tem uma parcela mínima dentro dos livros. A Europa é o centro dos estudos no Brasil (ISHIBASHI, 2004, p. 45- 46).

⁶ eSwatini, o presente que não agrada a todos. Em:

<https://www.dw.com/pt-002/eswatini-o-presente-que-n%C3%A3o-agrada-a-todos/a-45385372> (Acesso em: 09/05/2019).

A Europa ocidental exerce no Brasil, desde 1500, uma expressiva força ideológica (seja no plano político, histórico ou cultural), chegando até a relegar parte de nossa origem indígena e africana.

Prevalecia a ideia de que a identidade nacional deveria sempre estar calcada na Europa – o “berço da Nação” – e de que a história nacional havia surgido naquele espaço. Esse ideário explica a razão de os estudos da História do Brasil começarem fora do espaço nacional. O Brasil nasce em Portugal e é fruto de sua expansão marítima. O povo brasileiro, constituído de mestiços, negros e índios, continuava alijado da memória histórica escolar e da galeria dos heróis fundadores e organizadores do Estado-Nação. (BITTENCOURT, 2011, p.81).

Sobre as Américas, o descobrimento da região ativa o imaginário europeu nos séculos 15 e 16. Em 1492, Cristóvão Colombo começa o processo de desbravamento, como define Bartolomeu de las Casas: “Neste tempo tão novo e a nenhum outro igual. A partir desta data, o mundo está fechado”. Além disso, o pedido do autor era que os índios adotassem os costumes e a fé europeia.

A viagem e a travessia marítimas ganharam tons hagiográficos (sobre a vida dos santos da Igreja Católica), na medida em que a literatura registrou o sofrimento e as dificuldades de homens cristãos a atingir o paraíso perdido. Deus é o leme das embarcações. Homens que vieram de um mundo pecador estão a caminho de um lugar puro, perdido, muito mais próximo de Deus, ou seja, da salvação pessoal: “[...] a visão do paraíso constitui apenas a meta final da peregrinação, o desenlace lógico, a conclusão convencional do gênero hagiográfico” (GIUCCI, 1992, p. 37).

Segundo Gomes (1997, p. 14), os europeus tinham como objetivo procurar as Índias para, quem sabe, descobrir o paraíso e desvendar um dos maiores mistérios teológicos: a salvação. Especular o local exato do Jardim do Éden não era uma questão fútil, mas descobrir um lugar onde tinha uma vegetação exuberante, águas límpidas e aves raras foi muito mais do que esperavam de uma “nova terra”.

A América Central é geralmente lembrada somente pelos processos de independência, pobreza e lugares paradisíacos. Os países são Antígua e Barbuda, Bahamas, Barbados, Belize, Costa Rica, Cuba, Dominica, El Salvador, Granada, Guatemala, Haiti, Honduras, Jamaica, Nicarágua, Panamá, República Dominicana, Santa Lúcia, São Cristóvão e Névis, São Vicente e Granadinas e Trinidad e Tobago.

Existem também, nesses países, alguns conceitos específicos: quando se vai para Barbados, associa-se à cantora Rihanna; Cuba, ao ritmo da salsa e aos irmãos Castro; Jamaica, como lugar de nascimento de Stuart Hall no caso da academia e ao reggae de Bob Marley;

Panamá, ao chapéu de mesmo nome e a um povo que comemora um gol mesmo perdendo de seis na Copa do Mundo.

De fato, a afirmação de acordo com a qual africanos escravizados e seus descendentes não podiam imaginar sua liberdade e menos ainda formular estratégias para conquistar e afiançar tal liberdade não estava baseada tanto na evidência empírica quanto numa ontologia, uma organização implícita do mundo e de seus habitantes. Ainda que de nenhum modo monolítica, esta concepção do mundo era amplamente compartilhada por brancos na Europa e nas Américas, e também por muitos proprietários não-brancos de plantações. Mesmo que tenha deixado espaço para variações, nenhuma destas variações incluiu a possibilidade de um levante revolucionário nas plantações de escravos, e menos ainda que fosse exitoso e conduzisse à criação de um Estado independente (TROUILLOT, 1995, p. 27).

O imaginário europeu sobre a Oceania é limitado, pois foi o último continente a ser revelado, tornando-se conhecido como “mundo novo”. Muito parecido com os processos na África e na América, o povo era composto por indígenas que foram dizimados e, até hoje, os que restaram lutam por sua sobrevivência. No século 18, a Austrália se tornou uma colônia penal da Inglaterra, mas a corrida pelo ouro e a indústria agrícola trouxeram outros olhares sobre o local.

A Oceania é basicamente vista como Austrália e Nova Zelândia. Contudo, existem países como Papua Nova Guiné (que, no século 19, ficou dividida entre Alemanha, Inglaterra e Holanda), além das presenças de Micronésia, Fiji, Ilhas Marshall, Ilhas Salomão, Kiribati, Nauru, Palau, Samoa, Tonga, Tuvalu, Vanuatu e Taiti (chamada por muitos de Polinésia Francesa, pois ainda é um território semi-autônomo da França).

A França declarou o Taiti como sua província em 1842. O rei Pomare V reconheceu soberania francesa em junho de 1880 (em troca de ser chamado oficial da ordem da legião de honra). Em 1946, o Taiti se tornou território ultramarino francês e no ano de 2004 um país ultramarino.

2.4 Eurocentrismo

Com base no livro “O roubo da história”, de Jack Goody, Teixeira (2013) relembra o processo de genealogia sociocultural, marcado pela expropriação da cultura de países árabes por parte dos europeus ainda durante o período feudal, reforçando, aos poucos, a ideia de que a Ásia seria um lugar atrasado. Autores como Needham, Elias e Braudel abordam o mundo como um todo, mas sempre a Europa era privilegiada.

Aos olhos dos ocidentais, o Ocidente, e apenas o Ocidente, não é uma cultura, não é apenas uma cultura. Por que se vê o Ocidente a si mesmo desta forma? Por que deveria ser o Ocidente e só o Ocidente não uma cultura? Para compreender a Grande Divisão entre nós e eles. Devemos regressar a outra Grande Divisão, aquela que se dá entre humanos e não-humanos. De fato, a primeira é a exportação da segunda. Nós ocidentais não podemos ser uma cultura mais entre outras, já que nós também dominamos a natureza. Nós não dominamos uma imagem, ou uma representação simbólica da natureza, como fazem outras sociedades, mas a Natureza, tal como ela é, ou pelo menos tal como ela é conhecida pelas ciências –que permanecem no fundo, não estudadas, não estudáveis, milagrosamente identificadas com a Natureza mesma (LATOURE, 1993, p. 97).

Joseph Needham (1981) considera que a ciência no Oriente era igual ou superior à do Ocidente até o século 17, um pensamento que surpreendia naquela época. Fernand Braudel (1949), ao tratar das várias formas de capitalismo no mundo, considera que a Europa experimentou o único modelo “verdadeiramente puro” do capitalismo.

Goody (2008) também destaca o fato de os europeus se pretenderem os guardiões de instituições, valores e emoções como as cidades, universidades, democracia, individualismo e o amor romântico. O roubo para o autor é no sentido de os europeus escreverem sua própria história e dos outros continentes com seu ponto de vista, claramente colocando o Ocidente acima do Oriente.

Lá também o desenvolvimento dos costumes, o uso de intermediário (hashi) entre a o alimento e a boca, os rituais complicados de saudação e limpeza corporal, as restrições da corte em contraste com a objetividade dos camponeses, como, por exemplo, na cerimônia do chá, tudo isso apresenta paralelo com a Europa da Renascença (GOODY, 2008, p. 198).

Para o autor (2008), a Europa encobre a história do mundo que não seja a sua própria, impondo seus conceitos e períodos históricos, além de mudar nossa visão sobre a Ásia em seu passado e futuro. O controle é percebido pelas noções de tempo e espaço. Antes da escrita, o tempo era contado através dos fenômenos naturais, sendo atualmente definido como antes e depois de Cristo.

Shohat e Stam (2006) apresentam as diferenças geográficas sobre o Oriente. Aquilo que o Ocidente denota de Oriente Médio, para os chineses se define como Ocidente Asiático. Em árabe, a palavra “Magreb” significa “oeste” e refere-se ao norte do continente africano (a parte ocidental do mundo árabe onde ficam Tunísia, Argélia e Marrocos) em oposição a Mashreq (a parte oriental desde a Líbia até Omã). Tudo parte do eurocentrismo.

Para os autores, Israel é um país ocidental, porém Turquia (onde parte do território está a oeste de Israel), o Egito, Marrocos e Tunísia são considerados orientais. O ocidente esquece em algumas oportunidades que a América Latina (nome designado pelos franceses no século 19) lhe pertence. Apesar das etnias originárias, a América Latina é constituída, também, por línguas europeias e por grupos de descendência europeia.

Como sugerimos anteriormente, o eurocentrismo contemporâneo é o resíduo discursivo ou a sedimentação do colonialismo, processo através do qual os poderes europeus atingiram posições de hegemonia econômica, militar, política e cultural na maior parte da Ásia, África e Américas. O colonialismo se traduziu tanto sob a forma de um controle distante de recursos (a Indochina francesa, o Congo belga, as Filipinas) (SHOHAT; STAM, 2006, p. 40-41).

Atualmente existe uma conjuntura em que o controle político e militar é produzido por meio de diversos instrumentos, a exemplo do Grupo dos Sete, do FMI, do Banco Mundial e do GATT (na área econômica), de práticas como o direito de China, Estados Unidos, França, Rússia e Reino Unido a veto no Conselho de Segurança da ONU (política), da OTAN (militar) e de Hollywood, United Press International - UPI, Reuters, France Press e CNN (técnico e cultural).

2.5 Histórico das principais seleções

Neste tópico traremos o histórico das principais seleções, além de outros países citados de forma superficial na análise do Linha de Passe (ESPN) como forma dos leitores obterem as informações necessárias para acompanhar o trabalho como maior embasamento. Brasil, Argentina, França, Inglaterra, Espanha, Portugal e Alemanha (na primeira parte). Panamá, Peru, Egito, Islândia, Irã e Austrália (logo após).

2.5.1 Brasil

A Seleção Brasileira teve sua primeira partida no dia 21 de julho de 1914 contra o Exeter City (atual quarta divisão inglesa) no campo do Fluminense, no bairro Laranjeiras, no Rio de Janeiro. Seu primeiro título foi na Copa Rocca, vencido sobre a Argentina, com placar de 1 a 0 (com gol de Ruben Salles). Outras conquistas importantes foram a Copa das Confederações (com quatro títulos), Copa América (oito títulos, sendo o primeiro em 1919) e os Jogos Olímpicos (em 2016 no Maracanã contra a Alemanha).

A seleção canarinho foi a única que conquistou a Copa do Mundo em cinco oportunidades: em 1958 (contra a Suécia, por 5 a 2, na casa do adversário), em 1962 (contra a Tchecoslováquia, atual divisão em República Tcheca e Eslováquia, por 3 a 1), em 1970 e em 1994 (ambos superando a Itália, sendo o último vencido durante as penalidades máximas) e em 2002 (contra a Alemanha, pelo placar de 2 a 0, na primeira Copa na Ásia).

2.5.2 Argentina

A seleção argentina surge em 1901, tendo atualmente o atleta com maior número de participações (Javier Mascherano) e de gols (Messi) em mundiais. Os argentinos têm orgulho das 14 conquistas de Copa América (perdendo somente para o Uruguai) e do bicampeonato dos Jogos Olímpicos (2004 e 2008, no último superando o Brasil na semifinal em Pequim). Além disso, o título da Copa das Confederações em 1992 sobre a Arábia Saudita é lembrado.

Na Copa do Mundo, é uma das seleções que mais jogou (17 oportunidades), não participando em 1938 (por discordar do fato de a competição ser novamente na Europa), em 1950 e em 1954 (por questões internas de sua federação, AFA) e em 1970 (por não se classificar nas Eliminatórias). Seus dois títulos foram em 1978 (no próprio país, que vivia um regime militar que perdurou até 1983) e em 1986 (“com a mão de Deus”, definida pelo próprio Maradona na final).

2.5.3 França

A seleção francesa tem como atleta com maior número de jogos o ex-zagueiro Lilian Thuram e com o maior número de gols o ex-atacante Thierry Henry. A multiculturalidade permeia o futebol no país, pois um dos principais atletas da história da seleção nasceu na Argélia (caso de Zinedine Zidane). Países como Tunísia, Marrocos, Guiana Francesa, Guadalupe, Mali, Benin, Nova Caledônia, Taiti e Ilhas Maurício foram representadas.

França conquistou o bicampeonato em três campeonatos — na Copa do Mundo, na Eurocopa e na Copa das Confederações —, sendo um dos dois títulos conquistados em território nacional nos três campeonatos citados. Em 1998, venceu o Brasil por 3 a 0 na final, partida em que as atenções mundiais foram dedicadas a Ronaldo. Em 1984, a Eurocopa foi conquistada com 100% de aproveitamento e triunfo sobre a Espanha e, em 2003, na Copa das Confederações, ganhou de Camarões por 1 a 0.

2.5.4 Inglaterra

A história do futebol é inglesa. Tanto que o primeiro jogo entre seleções foi entre Inglaterra e Escócia (faz parte do Reino Unido no momento) em 1872. Apesar de ser pioneira, não acumula muitas conquistas, sendo a maior delas a Copa do Mundo de 1966, nos seus domínios (com direito a entrega da taça pela Rainha Elizabeth II para o ex-zagueiro Bobby Moore, mesmo sob polêmica se a bola teria ou não entrado na trave). Também se destaca o tricampeonato da Inglaterra nos Jogos Olímpicos.

O atleta com maior número de partidas foi o ex-goleiro Peter Shilton (125 partidas entre 1970 e 1990), enquanto que o maior número de gols é do atacante Wayne Rooney (53 em 119 embates). Os ingleses se orgulham de ter o campeonato entre times mais equilibrado e forte do mundo. Muito por isso a seleção inglesa tem 22 dos 23 jogadores convocados atuando na Premier League (o atacante Jadon Sancho, revelado no Manchester City, atua no Borussia Dortmund).

2.5.5 Espanha

A seleção espanhola, apesar de ter os principais conceitos de toque de bola (tiki-taka do treinador Guardiola) e até os principais times do mundo (Real Madrid e Barcelona), pouco obteve títulos ao longo da história. Contudo, existem dois casos emblemáticos: em 1938 a equipe decidiu não participar da Copa do Mundo (por causa da guerra civil) e em 1960 se retirou da Eurocopa por não enfrentar a União Soviética (ordem do general Francisco Franco).

Também existiram casos de atletas com muito renome em seus países terem atuado pela seleção espanhola depois, o ex-atacante Alfredo Di Stéfano (argentino, que atuou na seleção colombiana) e Ferenc Puskás (húngaro que fez história em seu país, mas foi proibido de retornar a sua casa na década de 1960). Em 2010, foi campeão da Copa do Mundo na África do Sul e tem um tricampeonato da Eurocopa (1964 em casa, 2008 e 2012).

2.5.6 Portugal

A seleção portuguesa atualmente tem um nome: Cristiano Ronaldo (detentor do maior número de jogos e gols pelos *Imortais*). Contudo, na sua primeira participação em Copas do Mundo em 1966, o principal atleta era Eusébio (nascido em Moçambique, ex-atacante com mais de 800 gols na carreira), que venceu Brasil (na época campeão do mundo) e Hungria no percurso até a semifinal daquela competição.

A única conquista de expressão foi a Eurocopa de 2016, em cuja primeira fase empatou com a Islândia, Áustria e Hungria (passando somente pelo fato de ser um dos melhores terceiros colocados). Nos jogos eliminatórios, passou por Croácia, Polônia e França (com gol de Éder e lembrado também pela lesão de Cristiano Ronaldo). Em 2006, Portugal chegou à semifinal da Copa do Mundo, com as presenças dos brasileiros Felipão (técnico) e Deco.

2.5.7 Alemanha

A seleção alemã é o caso de maior sucesso em solo europeu. Primeiramente pelo modo metódico e organizado que também é implantado no futebol e segundo por ser tetracampeã da Copa do Mundo (em 1954, na Suíça; em 1974, em seus domínios; em 1990, na Itália, sendo o primeiro título conquistado após a unificação das duas alemanhas; e em 2014, no Brasil, com direito ao 7x1 do qual o Brasil não deverá esquecer jamais).

Além disso, o tricampeonato da Eurocopa (1972, 1980 e 1996), a Copa das Confederações na Rússia em 2017 e os Jogos Olímpicos de 1976 em Montreal (Canadá) colocam mais peso em sua camisa. O ponto positivo da seleção é que, mesmo em momentos complicados como o atual, manteve seu técnico Jöachim Low, que assumiu a equipe em 2006, após a Copa do Mundo em casa.

2.5.8 Seleções citadas de modo superficial

Apresentamos aqui um breve histórico de alguns seleções pouco citadas pelo programa Linha de Passe (ESPN). A explicação objetiva do histórico foi explicada no tópico anterior.

A seleção panamenha é o retrato da evolução lenta e gradual da América Central. O maior título foi na Copa Centroamericana em 2009, sendo conhecida por ser um elenco de jogadores que atuam em diversos países, a exemplo de Guatemala, Uruguai, Estados Unidos, Eslováquia, Panamá, Romênia, Espanha, Venezuela, Croácia, Chile, Portugal, Bolívia, entre outros. O empate contra o Brasil em um amistoso em 2019 demonstra seu desenvolvimento.

Por sua vez, a seleção peruana foi formada em 1922 e tem como principal conquista a Copa América em 1939 e 1975. Sobre a Copa do Mundo, o período de espera foi extenso, pois, de 1982 a 2018, foram sete tentativas frustradas de chegar à competição. Porém a alegria

da torcida, do técnico Ricardo Gareca e do atacante Paolo Guerrero (atualmente no Internacional) não durou muito, sendo eliminada na primeira fase.

Já a seleção egípcia, apesar do heptacampeonato da Copa das Nações Africanas, o que a torna o maior vencedor da competição (1957; 1959; 1986 em casa; 1998; 2006 em casa; 2008; e 2010), não tem muita tradição em nível mundial, pois participou da Copa do Mundo em 1934, 1990 e 2018 (não passando da primeira fase em nenhum dos três casos). A equipe se tornou visada, uma vez que Mohamed Salah é o maior astro do Liverpool atualmente.

A seleção islandesa ou *Strákarnir okkar* (“nossos garotos” em islandês) é uma equipe que aos poucos está ganhando espaço, tendo em 2018 sua primeira participação em Copa do Mundo e em 2016 sua primeira atuação na Eurocopa (chegando às quartas de finais). Vale ressaltar que a FIFA em 1954 negou a sua inscrição pela demora no prazo de regulamentação. Atualmente a população da Islândia é de 350 mil habitantes.

O time do povo (*team melli*) é proveniente do Irã. A alcunha denota a paixão do iraniano por sua seleção, tanto que seu estádio tem capacidade para 100 mil torcedores e eles viajam longas distâncias para acompanhar sua paixão. Nas cinco participações em Copa do Mundo (1978, 1998, 2006, 2014 e 2018 ficou na primeira fase), em 1986 foi desclassificado das eliminatórias asiáticas por se recusar a jogar em campo neutro contra Bahrein e Iêmen do Sul.

Por fim, temos Austrália. A “terra dos cangurus” (geralmente lembrada assim) teve que decidir entre ser geralmente campeã das eliminatórias da Oceania e ir para repescagem ou ir para a Ásia e tentar a vaga direta. A sua escolha pelo continente asiático implicou na conquista da Copa da Ásia em 2015 e também vagas na Copa do Mundo (2006, 2010, 2014 e 2018). Quando disputava o campeonato da Oceania, conseguiu alcançar o campeonato mundial somente em 1974.

As tabelas de número 5,6,7,8,9 e 10 têm como causa destrinchar vários dados das seleções do Panamá, Peru, Egito, Islândia, Irã e Austrália (curiosidade e aguçar o conhecimento dos leitores sobre o assunto). Os dados são sobre o primeiro jogo internacional, maior vitória e derrota, jogador com mais jogos, artilheiro, melhor e pior posição no ranking da FIFA, participações e melhor resultados em Copas, além das competições continentais.

TABELA 5 - DADOS HISTÓRICOS SOBRE A SELEÇÃO PANAMENHA⁷

Primeiro jogo internacional: Panamá 3x1 Venezuela (Cidade do Panamá, Panamá - 12.02.1938)
 Maior vitória: Panamá 12x1 Porto Rico (Barranquilla, Colômbia - 13.12.1946)
 Maior derrota: Panamá 0x11 Costa Rica (Cidade do Panamá, Panamá - 16.02.1938)
 Jogador com mais jogos: Gabriel Gómez
 Artilheiro: Luis Tejada
 Melhor posição no Ranking da FIFA: 29º (março de 2014)
 Pior posição no Ranking da FIFA: 150º (agosto de 1995)
 Participações na Copa do Mundo: 1
 Melhor Resultado na Copa do Mundo: (2018)
 Participações na Copa da CONCACAF e Copa Ouro: 8
 Melhor Resultado na Copa da CONCACAF e Copa Ouro: Vice-Campeão (2005 e 2013)

TABELA 6 - DADOS HISTÓRICOS SOBRE A SELEÇÃO PERUANA⁸

Primeiro jogo internacional: Peru 0x4 Uruguai (Lima, Peru - 01.11.1927)
 Maior vitória: Peru 9x1 Equador (Bogotá, Colômbia - 11.08.1938)
 Maior derrota: Brasil 7x0 Peru (Santa Cruz, Bolívia - 26.06.1997)
 Jogador com mais jogos: Roberto Palacios
 Artilheiro: Paolo Guerrero
 Melhor posição no Ranking da FIFA: 10º
 Pior posição no Ranking da FIFA: 91º
 Participações na Copa do Mundo: 5
 Melhor Resultado na Copa do Mundo: Quartas-de-final (1970) e Segunda Fase (1978)
 Participações na Copa América: 29
 Melhor Resultado na Copa América: Campeã (1939 e 1975)

TABELA 7 - DADOS HISTÓRICOS SOBRE A SELEÇÃO EGÍPCIA⁹

Primeiro jogo internacional: Itália 2x1 Egito (Gante, Bélgica, 28.08.1920)
 Maior vitória: Egito 15x0 Laos (Jacarta, Indonésia - 15.11.1963)
 Maior derrota: Itália 11x3 Egito (Amsterdã, Países Baixos - 10.06.1928)
 Jogador com mais jogos: Ahmed Hassan
 Artilheiro: Hossam Hassan

⁷ Seleção do Panamá na Copa do Mundo - Rússia 2018. Em: <http://www.quadrodemedalhas.com/futebol/copa-do-mundo/copa-mundo-2018-selecao-panama.htm> (Acesso em: 07/05/2019).

⁸ Seleção do Peru na Copa do Mundo - Rússia 2018. Em: <http://www.quadrodemedalhas.com/futebol/copa-do-mundo/copa-mundo-2018-selecao-peru.htm> (Acesso em: 07/05/2019).

⁹ Seleção do Egito na Copa do Mundo - Rússia 2018. Em: <http://www.quadrodemedalhas.com/futebol/copa-do-mundo/selecao-egito-copa-do-mundo.htm> (Acesso em: 07/05/2019).

Melhor posição no Ranking da FIFA: 9°
 Pior posição no Ranking da FIFA: 75°
 Participações na Copa do Mundo: 3
 Melhor Resultado na Copa do Mundo: Primeira Fase (1934 e 1990)
 Participações nas Copas das Nações Africanas: 23
 Melhor Resultado nas Copas das Nações Africanas: Campeã (1957, 1959, 1986, 1998, 2006, 2008 e 2010)
 Participações na Copa das Confederações: 2
 Melhor Resultado na Copas das Confederações: Primeira Fase (1999 e 2009)

TABELA 8 - DADOS HISTÓRICOS SOBRE A SELEÇÃO ISLANDESA¹⁰

Primeiro jogo internacional: Ilhas Faroé 0x1 Islândia (Ilhas Faroé - 29.07.1930)
 Primeiro jogo internacional oficial: Islândia 0x3 Dinamarca (Reykjavík, Islândia - 17.07.1946)
 Maior vitória: Islândia 9x0 Ilhas Faroé (Keflavík, Islândia - 10.07.2005)
 Maior vitória (oficial): Islândia 5x0 Malta (Reykjavík, Islândia - 27.07.2000)
 Maior derrota: Dinamarca 14x2 Islândia (Copenhague, Dinamarca - 23.08.1967)
 Jogador com mais jogos: Rúnar Kristinsson
 Artilheiros: Eiður Guðjohnsen
 Melhor posição no Ranking da FIFA: 19°
 Pior posição no Ranking da FIFA: 131°
 Participações na Copa do Mundo: 1 (2018)
 Melhor Resultado na Copa do Mundo: 1ª Fase (2018)
 Participações na Eurocopa: 1
 Melhor Resultado na Eurocopa: quartas-de-final (2016)

TABELA 9 - DADOS HISTÓRICOS SOBRE A SELEÇÃO IRANIANA¹¹

Primeiro jogo internacional: Afeganistão 0x0 Irã (Cabul, Afeganistão - 25.08.1941)
 Maior vitória: Irã 19x0 Guam (Tabriz, Irã - 24.11.2000)
 Maior derrota: Coreia do Sul 5x0 Irã (Tóquio, Japão - 28.05.1958)
 Jogador com mais jogos: Ali Daei
 Artilheiro: Ali Daei
 Melhor posição no Ranking da FIFA: 15°
 Pior posição no Ranking da FIFA: 122°
 Participações na Copa do Mundo: 3
 Melhor Resultado na Copa do Mundo: Primeira Fase
 Participações na Copa das Nações da Ásia: 12
 Melhor Resultado na Copa das Nações da Ásia: Campeã (1968, 1972 e 1976)

¹⁰ Seleção da Islândia na Copa do Mundo - Rússia 2018. Em: <http://www.quadrodemedalhas.com/futebol/copa-do-mundo/copa-mundo-2018-selecao-islandia.htm> (Acesso em: 07/05/2019).

¹¹ Seleção do Irã na Copa do Mundo - Rússia 2018. Em: <http://www.quadrodemedalhas.com/futebol/copa-do-mundo/copa-mundo-2018-selecao-ira.htm> (Acesso em: 07/05/2019)

TABELA 10 - DADOS HISTÓRICOS SOBRE A SELEÇÃO AUSTRALIANA¹²

Primeiro jogo internacional: Nova Zelândia 3x1 Austrália (Dunedin, Nova Zelândia - 17.06.1922)
Maior vitória: Austrália 31x0 Samoa Americana (Coffs Harbour, Australia - 11.04.2001)
Maior derrota: Austrália 0x8 África do Sul (Adelaide, Austrália - 17.09.1955)
Jogador com mais jogos: Mark Schwarzer
Artilheiro: Damian Mori
Melhor posição no Ranking da FIFA: 14º (setembro de 2009)
Pior posição no Ranking da FIFA: 92º (junho de 2000)
Participações na Copa do Mundo: 4
Melhor Resultado na Copa do Mundo: Oitavas-de-final (2006)
Participações na Copa das Nações da Oceania: 6
Melhor Resultado na Copas das Nações da Oceania: Campeã (1980, 1996, 2000 e 2004)
Participações na Copa das Nações da Ásia: 2
Melhor Resultado na Copa das Nações da Ásia: Vice-campeã (2011)
Participações na Copa das Confederações: 3
Melhor Resultado na Copas das Confederações: Vice-campeã (1997)

¹² Seleção da Austrália na Copa do Mundo - Rússia 2018. Em: <http://www.quadrodemedalhas.com/futebol/copa-do-mundo/copa-mundo-2018-selecao-australia.htm> (Acesso em: 07/05/2019).

3 O LINHA DE PASSE NA COPA DE 2018

Neste capítulo final, analisamos edições do programa Linha de Passe durante a Copa do Mundo de 2018. O canal ESPN¹³ em geral (seus direitos de transmissão, características gerais dos programas e dos seus comentaristas esportivos). Em seguida, apresentamos, em linhas gerais, o histórico do programa específico com o qual trabalhamos, o Linha de Passe, traçando o perfil dos principais comentaristas, utilizando como uma das fontes de informação uma entrevista que realizamos por e-mail com o editor-executivo e comentarista da ESPN, o jornalista Eduardo Tironi.

No segundo tópico do capítulo, adentramos no tema central da pesquisa: representações sobre os continentes. Para isso, observamos inicialmente os seguintes elementos: a) os números colhidos sobre a aparição de cada continente nas edições selecionadas; b) e os símbolos e personagens citados na análise dos comentaristas. Após isso, analisamos o compilado de informações gerais apresentadas pelos analistas nos dias 15, 17, 19 e 24 de junho e 6 de julho, como forma de analisar os símbolos dentro de seus contextos discursivos.

Partindo desse pressuposto, trazemos os tópicos 3 e 4 sob os seguintes aspectos: descrição do trecho do programa analisado, contexto do fato noticiado (informações básicas sobre o jogo, sobre os fatos ocorridos e sobre os atores envolvidos), embasamento teórico e análise com comparativo entre os continentes, sempre considerando o enunciador (comentaristas da ESPN), o enunciado (discurso sobre o que se fala) e o contexto.

Como parte da estratégia metodológica, utilizamos a entrevista com o comentarista Eduardo Tironi dentro do terceiro capítulo. Dentre as perguntas, destacamos a linha editorial do programa, estudo prévio sobre continentes pouco conhecidos (Ásia ou África por exemplo), a nota de envolvimento do jornalismo esportivo brasileiro perante os locais e se existe disparidade entre a Europa e os outros lugares do mundo.

¹³ ESPN. Em: <https://www.espn.com.br/> (Acesso em: 21/06/2019).

3.1 Linha de Passe

3.1.1 ESPN Brasil

A ESPN foi fundada em 17 de junho de 1995 por José Trajano, Laércio Roma, Júlio Bartolo e Wilma Maciel. O canal atualmente é sediado no bairro Sumaré, em São Paulo, e faz a cobertura de esportes como futebol, tênis, basquete, beisebol, ciclismo, críquete, eSports, futebol americano, golfe, handebol, hípica, hóquei no gelo, iatismo, judô, maratona, motociclismo, pôquer, rugby, surfe e vôlei.

Embora ela [a televisão] já integrasse a vida da maioria das pessoas do mundo desenvolvido desde 1960, os avanços tecnológicos e os modelos ideológicos dos anos 1980 tornaram-na um elemento inevitável da vida cotidiana, junto aos aparelhos de fax, telefones celulares, computadores pessoais e videogames. Apesar de não ter causado um impacto notável dentro de campo, revolucionou sua organização e modificou seu efeito sobre o público. Pela televisão, a arte dos grandes jogadores e o desempenho dos grandes times podem ser acompanhados por milhões de pessoas, que antes só liam ou ouviam as notícias (MURRAY, 2000, p.201- 202).

Quanto ao futebol, o canal transmite campeonatos de diversos lugares do mundo, como Espanha, Inglaterra, Portugal, Holanda, Bélgica, China, Alemanha, Estados Unidos, México e Argentina. Além disso, coloca em pauta a Liga dos Campeões da Europa Feminina, as Eliminatórias da África e América Central e do Norte para a Copa do Mundo, os torneios de base no Brasil (sub-20 e sub-17) e os campeonatos amistosos de pré-temporada como a Copa Audi.

A tabela 11,12 e 13 têm como objetivo adentrar no canal ESPN (direitos de transmissão dos campeonatos, programas de futebol, além de apresentadores, narradores e comentaristas da casa). Dentre os comentaristas e apresentadores estão nomes do programa Linha de Passe como Antero Greco, Celso Unzelte, Mauro Cezar Pereira, Paulo Andrade e Paulo Calçade.

TABELA 11 - DIREITOS DE TRANSMISSÃO DA ESPN

- Liga dos Campeões de Futebol Feminino da UEFA
- Campeonato Espanhol
- Campeonato Inglês
- Campeonato Português

- Campeonato Holandês
- Campeonato Belga
- Campeonato Chinês
- Segunda Divisão Espanhola
- Copa do Rei
- Supercopa da Espanha
- Segunda Divisão da Inglaterra
- Copa da Liga Inglesa
- Copa da Alemanha
- Supercopa da Bélgica
- Campeonato Brasileiro Sub-20
- Copa do Brasil Sub-20
- Copa do Brasil Sub-17
- Campeonato Paulista de Futebol Feminino
- Copa São Paulo de Futebol Júnior
- Eliminatórias CAF da Copa do Mundo FIFA
- Eliminatórias CONCACAF da Copa do Mundo FIFA
- Major League Soccer
- USL Championship
- Copa dos Estados Unidos
- Campeonato Mexicano
- Liga de Ascenso
- Copa México
- Copa Argentina
- Torneio Internacional de Toulon
- Mundial de Clubes Sub-17
- Premier League Asia Trophy
- Emirates Cup
- Copa Audi

TABELA 12 - PROGRAMAS DE FUTEBOL DA ESPN

- Bate-Bola
- Brasileirão ESPN
- Bola da Vez
- ESPN Bom Dia
- Estaduais ESPN
- Futebol no Mundo
- Futebol na Veia
- Linha de Passe
- Mundo Premier League
- Olhar ESPN
- Prorrogação ESPN
- Show da Rodada
- SportsCenter
- Vestiário ESPN

**TABELA 13 - APRESENTADORES, NARRADORES
E COMENTARISTAS DE FUTEBOL DA ESPN**

- Alex Tseng
- André Kfourri
- André Plihal
- Antero Greco
- Ari Aguiar
- Arnaldo Ribeiro
- Breiller Pires
- Bruno Vicari
- Celso Unzelte
- Eduardo Tironi
- Everaldo Marques

- Fernando Nardini
- Gian Oddi
- Gustavo Hofman
- João Carlos Albuquerque
- Jorge Nicola
- Juca Kfourri
- Juliana Veiga
- Leonardo Bertozzi
- Luciano Amaral
- Luiz Carlos Largo
- Marcela Rafael
- Mario Marra
- Mauro Cezar Pereira
- Paulo Andrade
- Paulo Calçade
- Paulo Soares
- Rafael Rodrigues
- Renato Rodrigues
- Rogério Vaughan
- Rubens Pozzi
- Thiago Simões
- William Tavares
- Zé Elias

3.1.2 Programa *Linha de Passe*

O programa *Linha de Passe* estreou na ESPN em 10 de agosto de 1998 e até hoje se mantém entre os líderes de audiência na TV fechada principalmente pelo número expressivo de mesas-redondas sobre futebol. Durante esses 20 anos, passaram pela emissora nomes como o de Tostão (campeão do mundo em 1970), José Trajano, Claudio Carsughi, Paulo Vinícius Coelho, Paulo César Vasconcellos, Paulo Soares e Milton Leite.

Figura 7: Logo do Linha de Passe



Fonte: Linha de Passe - ESPN

O objetivo principal da emissora seria qualificar o debate sobre futebol, motivo pelo qual a emissora contrata jornalistas renomados para atuar como comentarista. Contudo, em 2006, a imagem do programa foi arranhada por um acirramento dos ânimos durante debate entre Paulo Soares (atualmente no programa SportsCenter), Juca Kfourri e Paulo Vinícius Coelho. Sobrou para José Trajano (na época, diretor da ESPN Brasil) resolver a situação nos bastidores, resultando em um vídeo gravado com o objetivo de amenizar os rumores.

Focamos nos acontecimentos mais relevantes do dia (ou do fim de semana) e alinhamos todo o roteiro ao longo do dia, com uma reunião por volta de 19h até umas 20h30. O programa começa normalmente às 22 horas (entrevista com Eduardo Tironi em 27 de março de 2019).

Apesar da situação, Paulo Soares a posteriori se tornou apresentador do programa e já participou de seis coberturas de Copa do Mundo pela emissora (1998, 2002, 2006, 2010, 2014 e 2018). Anteriormente a programação do Linha de Passe se restringia a segunda-feira. Todavia, após o sucesso na cobertura da Copa do Mundo da Rússia, com crescimento de 42% da audiência no período, alcançando a vice-liderança na audiência, a emissora ratificou o modelo de segunda a sexta-feira.

A escalação que aparece com maior frequência é de Paulo Andrade como apresentador, acompanhado dos comentaristas Arnaldo Ribeiro, Gian Oddi, Juca Kfourri e Mauro Cezar Pereira. Existe também um revezamento com outros destaques da emissora, a exemplo de Paulo Calçade, Leonardo Bertozzi, Eduardo Tironi e Antero Greco. No próximo tópico, apresentamos um breve perfil dos integrantes.

Em entrevista feita por e-mail com Eduardo Tironi no dia 27 de março de 2019, o comentarista atribuiu uma nota, de zero a dez, para o nível de engajamento da mídia esportiva brasileira por continente: África, nota 0; Ásia, nota 3; América do Norte, nota 3; América do

Sul, nota 6; e Europa, nota 7. Na resposta, o comentarista nem chega a se referir à Oceania, mesmo eu tendo citado o continente em minha pergunta. Ou seja, na avaliação de Tironi, África está fora dos parâmetros, e Ásia e América do Norte têm relevância pequena.

Se conclui que para os próprios jornalistas que estão nessa mídia, a Europa tem uma relevância maior (pode-se analisar o futebol europeu comentando sobre as suas equipes), diferente da América do Sul (geralmente atrelada aos jogos de Libertadores e Sul-Americana com times brasileiros), Ásia e América do Norte é comentada quando se tem uma notícia fora da curva (atleta importante indo para os países) e o restante dos continentes nem é lembrada.

3.1.3 Perfil dos comentaristas

Apresentamos neste tópico informações básicas sobre os comentaristas que participaram das edições do Linha de Passe analisadas nesta pesquisa. Na figura 8, a partir da esquerda, temos Mauro Cezar, Juca Kfourri, o apresentador Paulo Andrade, Arnaldo Ribeiro e Leonardo Bertozzi. Eles compõem o time de comentaristas fixos do programa.

Figura 8: Programa Linha de Passe



Fonte: Linha de Passe - ESPN

Paulo Andrade¹⁴ é narrador esportivo e apresentador do Grupo ESPN no Brasil. Seu primeiro trabalho na área jornalística foi no canal por assinatura ABC-3, com sede em Santo André, São Paulo. Lá, em 1999, teve a primeira experiência como jornalista, narrando e

¹⁴ Paulo Andrade. Em: <https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/paulo-andrade/> (Acesso em: 09/05/2019).

apresentando programas ligados aos times do ABC Paulista (Santo André, São Caetano, São Bernardo, Grêmio Mauaense entre outros).

André Kfoury¹⁵ (nascido em 1973, na cidade de São Paulo) é filho do também jornalista esportivo Juca Kfoury. Apresenta o programa SportsCenter (ao lado de William Tavares) da ESPN Brasil, com os comentaristas fazendo seus comentários entre as notícias, além de trabalhar como repórter de campo na mesma emissora. Atualmente, também possui uma coluna semanal no Diário LANCE.

Antero Greco¹⁶ é um jornalista brasileiro. Atualmente, é comentarista do programa Sportscenter e Linha de Passe (convidado em algumas oportunidades) ambos da ESPN Brasil e também participa de jogos transmitidos pelos canais ESPN. Além disto, foi colunista do jornal O Estado de S. Paulo, um dos mais tradicionais jornais do país, e tem um blog no site do Estadão.

Figura 9: Apresentação do Linha de Passe



Fonte: Linha de Passe - ESPN

Na figura 9, a partir da esquerda, temos Mario Marra (comentarista convidado em algumas ocasiões), Leonardo Bertozzi, o apresentador Paulo Andrade, Paulo Calçade e Gian Oddi. Leonardo, Paulo Calçade e Gian Oddi aparecem com maior frequência no programa da emissora.

¹⁵ André Kfoury. Em: <https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/andre-kfoury/> (Acesso em: 09/05/2019).

¹⁶ Antero Greco. Em: <https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/antero-greco/> (Acesso em: 09/05/2019).

Arnaldo Junqueira de Souza Ribeiro¹⁷ é um jornalista formado pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. Começou sua carreira em 1992, no extinto jornal Notícias Populares. Dois anos depois, foi para a Folha de S. Paulo, onde passou a fazer a cobertura da Seleção Brasileira a partir de 1996. É editor-chefe da ESPN Brasil, sendo escolhido para o cargo por estar desde 2005 no quadro de funcionários da empresa.

Eduardo Tironi¹⁸ é formado em comunicação social com MBA em marketing esportivo. Começou na ESPN em 2012 como editor-executivo da sucursal Rio de Janeiro. Em 2014, foi transferido para São Paulo, onde permaneceu com o mesmo cargo. O jornalista tirou parte do seu tempo para fazer uma entrevista rápida conosco, e trechos das respostas serão apresentados a seguir ao abordarmos alguns temas relacionados ao Linha de Passe.

Gian Oddi, formado em Jornalismo, é atualmente o editor-chefe de mídias digitais da ESPN. Sua carreira na empresa começou em 2009, quando foi contratado como comentarista do programa Bate Bola e dos jogos do Campeonato Italiano, função que ele continua exercendo. Ele também foi editor-chefe da revista ESPN e um dos comentaristas que mais aparecem na mesa-redonda do Linha de Passe.

¹⁹Juca Kfourí cursava Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), quando foi convidado para trabalhar no Departamento de Documentação (DEDOC) da Editora Abril, em 1970. Em 1974 foi convidado para ser chefe de reportagem da revista *Placar*, após isso trabalhou no SBT, Globo (de São Paulo), Folha de S. Paulo, RedeTV, TV Cultura, antes de chegar na ESPN.

Leonardo Bertozzi²⁰ nasceu em Belo Horizonte (MG), em 1980. Iniciou a carreira como comentarista do canal FX, que transmitia a Taça Libertadores e a Copa Sul-Americana. Após passar pelo Bandsports, como comentarista, virou editor da revista Trivela e comentarista dos canais ESPN, em que participa de vários programas e transmissões esportivas da casa.

¹⁷ Arnaldo Ribeiro. Em: <https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/arnaldo-ribeiro/> (Acesso em: 09/05/2019).

¹⁸ Eduardo Tironi. Em: <https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/eduardo-tironi/> (Acesso em: 09/05/2019).

¹⁹ Juca Kfourí. Em: <https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/juca-kfouri/> (Acesso em: 09/05/2019).

²⁰ Leonardo Bertozzi. Em: <https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/leonardo-bertozzi/> (Acesso em: 09/05/2019).

Mauro Cezar²¹ começou a trabalhar no jornalismo no início dos anos 1980. Trabalhou na Rádio Tupi (RJ) e passou pelo Sistema Globo de Rádio e pela Rádio Manchete, também no Rio de Janeiro. Na mídia impressa, foi repórter de *O Globo*, editor do Jornal dos Sports e repórter de O Dia e do Jornal do Brasil. É conhecido pela contundência de suas palavras e por ser torcedor do Racing, ele é um dos comentaristas do Linha de Passe.

Paulo Calçade²² iniciou sua carreira na ESPN em 1994, já tendo exercido as funções de repórter e chefe de reportagem. Na sua formação, estão os cursos de especialização em futebol, curso de Administração para profissionais do esporte, curso de gestão técnica de futebol, curso de arbitragem, além de ser graduado em Comunicação Social. Na ESPN, ele já participou da cobertura dos Mundiais de Futebol de 1998, 2006, 2010, 2014 e 2018.

William Tavares é formado em jornalismo em 2005 pela Universidade de Santa Cecília (Unisantia), em Santos-SP. Ele soma passagens por veículos de comunicação como TV Tribuna, TV Primeiro, Rede Record e rádio Cacique. Em 2011, chegou aos canais ESPN como repórter e apresentador de vários programas. Já foi apresentador do Linha de Passe e diz que teve dificuldade em confessar ser santista por causa do julgamento dos espectadores.

COMENTARISTAS	TABELA 14 - PROGRAMAS SELECIONADOS EM QUE ELES APARECERAM
André Kfourri	20 de junho, 27 de outubro e 21 de novembro
Antero Greco	14 de junho, 30 de setembro, 27 de outubro e 11 de novembro
Arnaldo Ribeiro	3 de agosto, 14 de junho, 13 de agosto, 26 de setembro, 30 de setembro, 06 de outubro, 11 de novembro, 21 de novembro, 2 de dezembro e 3 de dezembro
Celso Unzelte	25 de julho, 30 de setembro e 2 de dezembro
Eduardo Tironi	20 de junho, 3 de agosto, 30 de julho e 2 de dezembro
Gian Oddi	14 de junho, 20 de junho, 25 de julho, 30 de julho, 13 de agosto, 06 de outubro, 21 de novembro e 3 de dezembro
Gustavo Hoffman	06 de outubro e 11 de novembro

²¹ Mauro Cezar Pereira. Em: <https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/mauro-cezar-pereira/> (Acesso em: 09/05/2019).

²² Paulo Calçade. Em: <https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/paulo-calcade/> (Acesso em: 09/05/2019).

Juca Kfourri	3 de agosto, 30 de julho, 13 de agosto, 26 de setembro e 3 de dezembro
Leonardo Bertozzi	3 de agosto, 25 de julho, 30 de julho, 26 de setembro, 06 de outubro, 27 de outubro e 11 de novembro
Mauro Cezar Pereira	20 de junho, 25 de julho, 13 de agosto, 26 de setembro, 30 de setembro, 27 de outubro, 21 de novembro, 2 de dezembro e 3 de dezembro
Paulo Calçade	14 de junho

A lista acima advém primeiramente de uma sistematização feita com base em apenas duas edições do programa, entre os meses de junho e dezembro de 2018. Contudo, o recorte temporal do objeto acabou sendo alterado, limitando-se ao período da Copa do Mundo de 2018 (de 14 de junho a 15 de julho), por considerarmos que, nesse período, os comentaristas acabariam por explorar de maneira mínima todos os continentes, por se tratar de um evento mundial, mesmo que não os conheçam a fundo, demonstrando certa falta de domínio sobre as especificidades relacionadas aos países envolvidos na competição.

Para uma análise de conteúdo e de discurso, foram escolhidas as seguintes edições: 15 de junho (com a presença dos comentaristas Eduardo Tironi, Paulo Calçade, Leonardo Bertozzi e Mauro Cezar), 17 de junho (Arnaldo Ribeiro, Gian Oddi, Xico Sá e Mauro Cezar), 19 de junho (Arnaldo Ribeiro, Celso Unzelte, Eduardo Tironi e Leonardo Bertozzi), 24 de junho (Mario Marra, Gian Oddi, Arnaldo Ribeiro e Mauro Cezar) e 6 de julho (Arnaldo Ribeiro, Gian Oddi, Xico Sá e Mauro Cezar).

3.2 Representações sobre qualidade das seleções e dos jogadores

Neste tópico, analisamos de que modo os comentaristas representam os continentes com base em dois elementos: qualidade dos times e qualidade dos jogadores. Adotamos duas perspectivas analíticas: análise de conteúdo e análise de discurso.

Para uma abordagem quantitativa inicial dos dados, utilizamos análise de conteúdo com o objetivo de verificar quantas vezes símbolos referentes a cada um dos continentes (times, jogadores, signos nacionais, etc.) foram citados em duas edições do programa: 14 e 20 de junho. Por se tratar de uma etapa de pesquisa que nos exigiu um pouco mais de fôlego, por

demandar uma contagem cautelosa dos símbolos citados, realizamos essa etapa quantitativa com base apenas nessas duas edições.

Já para uma abordagem mais qualitativa, sob a perspectiva da análise de discurso, analisamos cinco programas: 15, 17, 19 e 24 de junho e 6 de julho. Para a análise de discurso, verificamos nas cinco edições diversos aspectos relacionados a futebol, cultura e qualidade dos jogadores (em alguns casos, com opiniões bastante críticas por parte dos comentaristas).

Sobre as diferentes edições para a análise de discurso e conteúdo, decidimos assim como forma de focar em um objetivo específico. Para se conseguir êxito no número de referências e pegar informações importantes na análise deveríamos seguir o trajeto de forma dissociada. O operador da análise de discurso é o ethos presente (mostrado ou dito) pelos interlocutores do Linha de Passe.

CONTINENTE DA SELEÇÃO CITADA	TABELA 15 REFERÊNCIAS AOS CONTINENTES NO PROGRAMA LINHA DE PASSE	
	PROGRAMA DE 14/06 SOBRE COPA DO MUNDO	PROGRAMA DE 20/06 SOBRE COPA DO MUNDO
América do Sul	35	47
América Central	3	12
América do Norte	1	1
África	20	5
Europa	148	137
Ásia	22	12
Oceania	0	4

TABELA 16 - SÍMBOLOS CITADOS PELOS COMENTARISTAS	
14/06	20/06
Ribery, Muller, Rafinha, Carlos Queiroz, Lopetegui, Cavani, Suarez, Bruno Fernandes, Bernardo Silva, Zidane, Messi, Catalunha, Salah, Cristiano Ronaldo, Nandez, Torreira, Vecino, Betancur,	Iniesta, Lukaku, Vazquez, De Gea, Fernando Torres, Lopetegui, Harry Kane, David Villa, Busquets, Tagliafico, Acuña, Salvio, Pepe, Otamendi, Cannavaro, Bauza, Sampaoli, Milinkovic-Savic, Maximiliano

Cristian Rodriguez, Pique, Sérgio Ramos, Carvajal, Nacho, Odriozola, Hierro, Jorge Mendes, Mino Raiola, Godin, Gimenez, David Silva, Koke, Iniesta, Busquets, Iago Aspas, Thiago, Diego Costa, Isco, Dechamps.	Alegre, Mascherano, André Silva, Cedric, Isco, Guerreiro, Mario Gomez, Pocchetino, Rodriguez, João Mário, Gonçalo Guedes, Bernardo Silva, Champions League, Higuain, Biglia, Pavon, Diego Costa, Aduriz, Cristiano Ronaldo, Llorente, Messi, Koke, Bielsa, Carlos Queiroz, Shaqiri, Lichtsteiner, Rebic, Enzo Perez, Lo Celso, Eriksen, Dybala, Modric, Mandzukic, Rakitic, Aguero.
--	---

Sobre os números apresentados acima, podemos observar que foram feitas 35 (14 de junho) e 47 (20 de junho) referências a símbolos associados à América do Sul. Em dois dias de programa, foram citadas 82 vezes as seleções da Argentina, Uruguai, Colômbia e Peru. Contudo, somente a seleção argentina teve um espaço maior na grade ao analisar o confronto contra a Nigéria, que decidia a sua vida na competição. Os outros tiveram seu espaço, apesar de modesto, ao terem suas disputas tematizadas.

Sobre a América Central, foram 15 citações, somando Costa Rica e Panamá. Para os comentaristas, ambas seleções foram coadjuvantes em seus duelos contra Brasil e Inglaterra, respectivamente. O Panamá teve maior espaço, pois, ao fazer seu primeiro gol contra os ingleses, a torcida comemorou de forma intensa, porque era sua primeira participação no maior campeonato do mundo.

A América do Norte, representada pelo México, foi citada duas vezes, muito pelo triunfo sobre a Alemanha. Há referências ambíguas quanto ao continente africano, visto que o Egito, localizado entre o nordeste da África e o sudoeste da Ásia, possui imaginário associado nacionalmente ao Oriente Médio. O Egito é o país africano mais lembrado no programa por ter em sua seleção o melhor jogador do Liverpool, Mohamed Salah, o que reforça a importância atribuída ao continente europeu. As cinco seleções africanas que participaram da Copa (Egito, Nigéria, Tunísia, Senegal e Marrocos) foram citadas, ao todo, 25 vezes nas duas edições do programa. Nigéria, por exemplo, no jogo contra a Argentina, foi apresentada como coadjuvante em relação à adversária.

Naturalmente, a Europa já seria o continente mais citado pelo programa, visto que 14 das 32 seleções que participaram do evento são europeias. No entanto, o número de referências a símbolos europeus é muito superior, em termos proporcionais, às referências

feitas aos demais continentes. Enquanto que o percentual de times europeus em relação ao total de seleções na competição é de 43,75%, o percentual de referências à Europa nas duas edições do Linha de Passe em relação às referências a todos os continentes é 63,75%. As duas edições do programa totalizaram 285 referências a símbolos europeus, num universo de 447 referências a todos os continentes.

Os comentaristas do programa se debruçaram extensivamente sobre países como Espanha, França, Bélgica, Portugal, Inglaterra e Alemanha, nações cujas seleções foram, em geral, bem avaliadas taticamente. Seleções como a islandesa, russa, croata, suíça e dinamarquesa obtiveram espaço considerável, sendo tratadas com certa propriedade.

Normalmente não debatemos o futebol destes continentes, a não ser que exista um acontecimento muito relevante específico. Quanto a Europa e América do Sul, o futebol deste continentes está presente em nossa programação todos os dias, então a entrada deles é bem natural (entrevista com Eduardo Tironi em 27 de março de 2019).

Em relação à Ásia, o tratamento conferido ao Oriente Médio ficou a cargo da Arábia Saudita (que para alguns dos comentaristas apresentava o pior futebol da competição) e do Irã (muito lembrado pelo seu técnico português). Além dos dois acima, foram 34 citações para Japão e Coreia do Sul. Quanto à Oceania²³, a Austrália foi citada quatro vezes, sendo lembrada, contudo, principalmente pelo duelo contra a França.

Os símbolos listados referem-se a jogadores, países, técnicos e empresários que representam algo fora do Brasil. Nos dois dias analisados, foram 59 citações de pessoas que representam o futebol europeu (sendo três jogando ou treinando na Ásia: Iniesta, Fernando Torres e Cannavaro) e dois brasileiros jogando pela seleção espanhola (os irmãos Rafinha Alcântara e Thiago, filhos do ex-atleta Mazinho, campeão do mundo em 1994).

Sobre a América do Sul, foram 29 referências, sendo 23 a atletas que atuam no futebol europeu (16 da Argentina e 7 do Uruguai), reforçando, mais uma vez, o destaque dado ao continente europeu, mesmo que indiretamente. Além deles, o continente asiático foi representado pelo técnico do Irã, o português Carlos Queiroz (nos dois dias, muito por sua relação com Cristiano Ronaldo). O continente africano foi lembrado uma vez por causa da ótima fase do atacante egípcio Mohamed Salah, jogador do europeu Liverpool.

²³ Apesar de ser um país da Oceania, a seleção australiana atua pela confederação asiática.

Na avaliação de Eduardo Tironi, entrevistado em 27 de março de 2019, “existe uma disparidade imensa (entre as equipes europeias e as demais), e não é só financeira”. Para ele, há disparidade “também de organização e de estudos sobre o futebol” de cada região. Não à toa, a Europa conquistou as quatro vagas na semifinal da Copa do Mundo (França, Croácia, Inglaterra e Bélgica). O comentarista também cita que os estudos sobre o futebol são importantes para a melhoria do esporte.

Vale ressaltar o último ponto tratado de Eduardo Tironi, ainda existe um longo caminho para percorrer em termos acadêmicos perante o futebol. Quanto mais trabalhos e estudos sobre o esporte, maior a possibilidade de melhorar o nível do futebol aplicado no país, muito por isso a CBF exige desde o ano passado que os principais técnicos do Brasil tenham que passar por cursos da confederação.

No segundo dia de Copa do Mundo (15 de junho), o apresentador Paulo Andrade exalta a partida entre Espanha e Portugal com a expressão “jogo de lavar a alma”. Durante o decorrer das análises Arnaldo Ribeiro, aponta como vilão o goleiro De Gea (que “falhou”) e como heróis Diego Costa²⁴ e Cristiano Ronaldo. Para eles, Cristiano, guardadas as devidas proporções, tem semelhanças com Pelé e se tornou mais humano, após conquistar a Eurocopa em 2016.

A expressão “jogo de lavar a alma” é utilizada quando uma partida é de alto nível e se esperava isso de Portugal e Espanha, pois são duas seleções onde contém grandes atletas (casos de Cristiano Ronaldo e Diego Costa) e de um futebol qualificado (além de serem europeias, o que aumenta a expectativa). Certamente, Arábia Saudita e Egito não teve o mesmo apelo na última rodada do Grupo A.

Sobre a partida entre Arábia Saudita e Egito, ressalto a união entre os países que fazem parte do Oriente Médio (apesar de serem de continentes distintos). O ministro dos esportes da Arábia Saudita, além de investir no futebol do país, comprou o antigo El Assiouty e transformou em Pyramids FC (Egito), o atual segundo colocado investiu em vários brasileiros (um deles foi logo emprestado para um clube saudita, caso de Arthur Caike), algo totalmente esquecido pelos comentaristas.

²⁴ Diego da Silva Costa, nasceu no dia 7 de outubro de 1988 na cidade de Lagarto-SE. O atleta nunca atuou por um clube brasileiro, iniciando sua carreira no Sporting Braga (Portugal). Ele passou por Chelsea e atualmente está no Atlético de Madrid. Em 2013, recebeu a cidadania espanhola e no ano seguinte começou a atuar pela seleção.

A Espanha mostrou, com o empate de 3 a 3, que poderia viver melhores dias, após a saída de Lopetegui para o Real Madrid (antes da Copa). Cristiano Ronaldo é considerado “mais líder” em Portugal do que no time madrileno (citado anteriormente). Para Paulo Calçade, alguns atletas como Bruno Fernandes, Bernardo Silva e Gonçalo Guedes não possuem o nível desejado para atuar na seleção portuguesa (Leonardo Bertozzi ponderou que os atletas não fizeram boa partida, mas em suas equipes são destaques).

Na metade da edição analisada aqui (15 de junho), os comentaristas (principalmente Arnaldo Ribeiro) chegaram à disputa entre Messi e Cristiano Ronaldo. Alguns ponderam que o nível dos dois não pode ser comparado atualmente. Mas que atletas como Franz Beckenbauer, Maradona, Romário, Ronaldo, em suas respectivas épocas, tinham um futebol também muito apurado.

Vale ressaltar nessa parte a falta de atletas de outros continentes (África, Ásia, Oceania, América do Sul e do Norte) no rol de grandes jogadores a serem lembrados na história. O único atleta fora da Europa/América do Sul a ganhar o prêmio de melhor do mundo foi o liberiano George Weah (atual presidente do país) em 1995 quando atuava no Milan. Mesmo assim o nome dele é pouco lembrado pelos analistas do esporte.

No dia 17 de junho, a abordagem central foi sobre a seleção brasileira. Contudo, como esta pesquisa analisa o futebol numa perspectiva intercontinental, buscamos dar ênfase ao que foi falado sobre a Suíça, a adversária. A seleção suíça, que era conhecida na marcação como “um ferrolho”, de tão forte, não somente se defendia, como tinha alguns escapes ofensivos com Stephan Lichtsteiner e a Xherdan Shaqiri. A atual sexta colocada no ranking da FIFA empatou e dificultou a vida do seu oponente.

Os comentaristas dão destaque às nove faltas cometidas pela Suíça durante a partida, um número positivo em termos de marcação. Mauro Cezar ainda lembra que a Sérvia (terceira adversária do Brasil) também “não alivia” defensivamente. Arnaldo Ribeiro e Xico Sá analisaram o gol da Suíça como falta, mas respeitando quem acreditava em um “lance normal de Zuber” (que comemorou, após ver a reação do bandeirinha). Eles lembraram que o VAR (árbitro assistente de vídeo), na época, tinha sido implementado em poucos campeonatos no mundo, sendo aquele um período de experiência.

A Suíça é um dos retratos do respeito ao futebol europeu. Mesmo não sendo uma das principais no continente, era tratado com total deferência e respeito. Pois alguns dos nomes da equipe atuam grandes ligas (clubes), casos de Ricardo Rodríguez (Milan), Xhaka (Arsenal),

Seferovic (Benfica) e assim se tornam conhecidos da grande mídia, possuindo propriedade para comentar sobre a qualidade dos atletas.

Os grupos da Alemanha e do Brasil se enfrentaram nas oitavas da competição. Alguns apostavam que a Sérvia venceria a Suíça (o que não aconteceu) e que a Costa Rica não teria muita força. Consideraram que, do outro lado, Coreia do Sul e Suécia não iriam oferecer muita resistência aos principais times, porém no final o time asiático superou o elenco germânico e a seleção sueca se classificou junto com o México.

No decorrer da análise, percebi que a seleção mexicana é tratada de uma forma caricatural, pois o time é lembrado por ter uma torcida que faz festa nos estádios; por ter jogadores que fazem suas comemorações fora do campo (com direito a bebida e mulheres, como destacou o comentarista Mauro Cezar) e por ter técnico que possui práticas inusitadas (de sempre mudar o time principal e de escrever recados em papel para serem enviados aos jogadores). Além disso, persiste a tônica das últimas Copas de serem eliminados nas oitavas.

No dia 19 de junho, o programa foi iniciado com a análise das “surpresas do campeonato” até o presente momento (primeira rodada da competição). Arnaldo Ribeiro destacou três jogadores da Rússia (Golovin, Mário Fernandes²⁵ e Chryshev), por causa do 5 a 0 sobre a Arábia Saudita; e Leonardo Bertozzi, do México. O técnico Osório foi lembrado novamente, por ele afirmar que “o futebol é uma ciência” e, por isso, não repete escalação, para adaptar a escalação do time ao estilo de cada adversário.

A Rússia mesmo vindo de um primeiro semestre de 2018 sem vencer era tratado com certo respeito, pelo fato de atuar em casa e de enfrentar a Arábia Saudita e Egito (sendo favorita a conquistar a segunda vaga), o que foi confirmado e ainda mais com resultados expressivos.

Na continuação da análise da primeira rodada, comentaram sobre a partida de Portugal, em que Cristiano Ronaldo fez três gols contra a forte seleção espanhola. Destacaram, ainda, que a Islândia “segurou a barra” contra a Argentina, montando um “sistema defensivo robusto” (comentário de Mauro Cezar). A Bélgica, que fez 3 a 0 contra o Panamá, ficou tranquila. Mesmo saindo do primeiro tempo sem marcar gols, os belgas Kevin De Bruyne e Eden Hazard seriam importantes durante a competição, consideraram os comentaristas.

²⁵ Mário Figueira Fernandes, nasceu na cidade de São Caetano do Sul-SP no dia 19 de setembro de 1990, lateral-direito revelado no Grêmio e que foi para o CSKA Moscou em 2012. No ano de 2016 conseguiu a cidadania russa para atuar na seleção.

A pauta seguinte versou sobre “as surpresas”. Arnaldo e Leonardo avaliaram o Peru como principal seleção em termos de qualidade (Gareca, seu técnico, “organizou a casa”), apesar de a “justiça” do resultado ser “a bola na rede”, consideraram. O Senegal também surpreendeu, na avaliação deles, com seus “jogadores velozes” e a “dancinha característica”. Lembraram de 2002, quando o time passou de fase ao superar França e Uruguai.

Nos últimos dois comentários da edição, nota-se uma diferença em termos de análise para cada seleção. Sobre a Islândia, exalta-se o sistema defensivo que segurou o ímpeto argentino. Sobre o Peru, destacam que, apesar das finalizações erradas (perdeu um pênalti na estreia), era uma seleção muito qualificada (principalmente por Guerreiro, atacante do Internacional). Já sobre Senegal, a dança é preponderante na fala dos comentaristas.

Existem diferenças históricas entre as seleções, pois o Peru não participava de uma Copa do Mundo há 36 anos (sendo que em 1978, perdeu de 6 a 0 para a Argentina e em um jogo “suspeito”, levou os argentinos a final em casa). A Islândia nunca havia disputado uma Copa e Senegal chegou às quartas-de-final em 2002 vencendo França (na estreia) e a Suécia (nas oitavas), mas o tratamento na análise não seguiu o reconhecimento histórico.

O comentarista Celso Unzelte demonstrou-se surpreso com o Irã (que venceu Marrocos e se tornou líder de seu grupo na primeira rodada), principalmente por poucos apostarem na equipe no duelo. Paulo Andrade escolheu como destaque a vitória do México sobre a Alemanha e ponderou que, se a França (campeã do torneio) atuasse da mesma forma que fez diante a Austrália contra o Peru, teria muitas dificuldades de obter aquele resultado.

Tentaram definir o destino do México (apostando que o time venceria a Coreia do Sul, principalmente pela fragilidade do adversário), da Rússia (que teria um confronto complicado contra a Espanha ou Portugal; no entanto, a seleção da casa passou de fase dias depois) e da Inglaterra (que enfrentaria o Senegal; o que não aconteceu, pois o Japão passou para as oitavas-de-final pelo número de cartões levados em campo, o último critério de classificação). Os comentaristas demonstram concordar que Arábia Saudita e Panamá destoam em relação às demais seleções. Para eles, a melhor seleção da América do Sul seria o Peru.

No grupo H, a Colômbia venceu a Polônia, Pekerman colocou o time para frente e James Rodriguez (manteve o bom momento da copa anterior, onde foi um dos principais nomes da competição). Falcão García, Cuadrado, Mina e Quintero fizeram uma ótima partida segundo Mauro Cezar (Arnaldo Ribeiro e Gian Oddi concordaram com ele).

Às vezes a expectativa sobre os países europeus é tão forte que não foi atendida no caso da Polônia. O time de Lewandowski, Zielinski e companhia estava entre as dez seleções melhores do mundo e era favorita a ser líder mesmo num grupo equilibrado com fortes elencos de outros continentes (Senegal, Japão e Colômbia). No final ficou em último lugar, muito mais por demérito polonês do que pela evolução das outras seleções (segundo os comentaristas).

No final do programa, os comentaristas analisaram os principais ataques do campeonato (Lukaku e Harry Kane), que eram do mesmo grupo e desequilibraram contra o Panamá (para alguns, a mais fraca de todas). No geral, consideram que a Rússia foi bem na primeira partida; que o Uruguai, “nem tanto”; que a França teve jogo “tranquilo”; e que Inglaterra, procurando decidir o primeiro lugar com a Bélgica na terceira rodada, levaria a uma possível decisão nos cartões (o que não aconteceu).

A Rússia enfrentou a Arábia Saudita e o placar de 5 a 0 confirmou a tese de superioridade dos comentaristas. Mesmo caso da França, que enfrentou a Austrália (placar de 2 a 1). No grupo G, já na primeira rodada, os analistas faziam projeções sobre o último jogo, pois para eles Bélgica e Inglaterra passariam facilmente por Panamá e Tunísia. É perceptível, nas sutilezas, identificar como o olhar sobre uma superioridade europeia aparece nos comentários, mesmo que em alguns casos o texto dos comentaristas soe muito mais como informativo do que interpretativo ou opinativo.

No dia 6 de julho, já chegando próximo ao final da competição, a análise é dedicada à partida entre Brasil e Bélgica. Para eles, os belgas respeitaram o adversário, mas aos poucos foram entrando no jogo, principalmente após o gol contra de Fernandinho, que deixou os espaços abertos para as jogadas de Chadli e De Bruyne. No setor defensivo, o treinador Roberto Martínez utilizou Vertonghen, obtendo resultado positivo, avaliou Mauro Cezar.

O jogo fez lembrar da eliminação do Brasil em 2010 durante partida contra Holanda. Para os comentaristas, Brasil não fez muito para conter o ímpeto dos belgas, principalmente de Hazard, que ajudou muito no jogo coletivo. Outros que fizeram uma boa partida foram Fellaini e Lukaku (que segurou a marcação e tocou para De Bruyne no segundo gol). Para os analistas, em alguns setores, a Bélgica é superior e tem um goleiro experiente (Courtois).

Mauro Cezar abordou “mesmo se a pessoas estivesse bêbada, ele escolheria Hazard a Paulinho, De Bruyne a Fernandinho, é somente ver um pouco de futebol”. Isso demonstra a evolução do futebol belga e define que o futebol europeu está crescendo todo em conjunto,

enquanto alguns países de outros continentes diminuíram o ritmo ou evoluem de forma lenta (principalmente na Oceania).

3.3 Administração das seleções

Leonardo Bertozzi destaca, em 15 de junho, que o técnico português Fernando Santos montou um “time compacto”, “agressivo” e que leva poucos gols, sendo comandado por Pepe e Rui Patrício. A Espanha teve mais de 60% de posse e tinha uma base sólida com 7 jogadores que estiveram como titulares na derrota por 5 a 1 para a Holanda na cidade de Salvador em 2014 (comentário de Paulo Calçade).

Em 17 de junho, os comentaristas analisaram a partida entre Alemanha e México. A seleção alemã, para eles, vive um “período de entressafra” (análise de Arnaldo Ribeiro) de atletas, pois nomes como Lahn, Schweinsteiger, Sané e Ozil (por questões políticas envolvendo a Turquia) deixaram uma lacuna na equipe. O mexicano Lozano se utilizou de velocidade, e os contra-golpes arquitetados pelo técnico Osório surtiram efeito, fazendo o time vencer a partida.

Outros pontos debatidos foram o fato de o treinador da Islândia retornar à função de dentista após a Copa do Mundo e a farra dos jogadores mexicanos ao vencerem o duelo contra a Alemanha (com direito a bebida e acompanhantes). No final, apontaram a Inglaterra como uma das principais favoritas, pois fazia um trabalho de base forte revelando vários atletas, tanto que era a terceira mais jovem em termos de idade na Copa (perdendo somente para Nigéria e França).

Os comentaristas, em geral, definiram como “principais seleções” as equipes europeias (além do Brasil) e como “piores seleções” os times de países de outros continentes, a exemplo do Panamá (América Central) e Arábia Saudita (Ásia). Equipes não europeias receberam elogios, mas geralmente seguidos de críticas. Caso exemplar seriam os comentários de Leonardo Bertozzi ao falar do Irã. Para ele, trata-se de uma seleção difícil de levar gol, principalmente por conta de Carlos Queiroz, mas que teria um nível comum em termos de qualidade.

Continuando a abordagem sobre o time iraniano, o técnico Carlos Queiroz é português e o aumento da qualidade da seleção (mesmo que pequeno) é atribuído a um europeu e também a ida massiva de atletas aos países europeus (o que reforça a superioridade do futebol

na Europa). No final de tudo eles (comentaristas) não se lembram dos nomes dos atletas e desconsideram o fortalecimento da competição nacional (iraniano).

Mauro Cezar destaca que a “redenção” belga ocorreu após a saída do treinador Mark Wilmots, depois da eliminação para o País de Gales na Eurocopa. Os comentaristas tentaram traçar a trajetória da seleção que passaria primeira colocada do seu grupo (superando a Inglaterra), mas pararia no Brasil (o que não aconteceu). Sobre a Espanha, eles abordaram o fato de o país ter a conquista de maior expressão a partir de 2008 (Eurocopa), passando para a Copa de 2006, em que venceu três jogos, perdendo, contudo, para a França.

No final do programa do dia 19 de junho, Arnaldo Ribeiro analisou o confronto entre Alemanha e Suécia. Mesmo sem Ibrahimovic, os suecos “dariam a vida” nesse jogo para chegar à próxima fase, fazendo uma retomada histórica da classificação para a Copa. Mauro Cezar afirmou que o antigo técnico da Itália Gianpiero Ventura era um “incapaz” e por isso não conseguiu passar da Suécia, complicando-se e ficando sem participar da competição.

Mesmo não estando na Copa, as seleções da Itália e da Holanda foram citadas pela sua tradição (no caso holandês, a dupla vitória sobre o Brasil em 2010 e 2014), o que representa a força europeia, apesar de não estar nos holofotes do momento. Nenhum outro país foi lembrado seja de forma positiva ou negativa (vale ressaltar que Estados Unidos, China, Nova Zelândia, África do Sul, entre outros, não estiveram na Copa de 2018).

No dia 24 de junho, os comentaristas deram ênfase ao grupo da Argentina, no qual a Croácia (vice-campeã) já estava classificada para a próxima fase. Messi fazia aniversário na época da partida decisiva contra a Nigéria. Apesar do clima de comemoração, o nível de tensão estava elevado. De outro lado, estava o adversário africano, que geralmente perde para o time sul-americano, menos em 1996 nas Olimpíadas, quando Kanu eliminou os “hermanos” e se tornaram campeões (fala de Mauro Cezar).

O comentarista Mauro Cezar (que é torcedor do Racing) afirma que a indústria jornalística de boatos é muito latente na Argentina, e os jornais inferem que o técnico Jorge Sampaoli não consegue lidar com o elenco. Mas em caso de desclassificação (o que não aconteceu), a visibilidade dos atletas seria prejudicada, principalmente a gerência da AFA (Associação do Futebol Argentino) por meio do presidente Fábian Tapia (que também gere o Barracas Central).

Além do diretor máximo da federação, o presidente da Argentina Mauricio Macri foi presidente do Boca Juniors entre 1995 e 2007 e tem uma aliança com o atual detentor do

posto Daniel Angelici. A ideia inicial era alavancar o futebol argentino como foi feito no México, através de grandes empresas e investimentos nos times. Mas no final reinou a “desorganização”, tendo até contratação de técnico de seleção por currículo (segundo Mauro Cezar).

O jornalista Mauro Cezar acompanha os times, a seleção e a federação argentina e mostrou a situação atual do futebol no país. Sobre o adversário da rodada, a Croácia, apesar de não ter tanta tradição, era respeitada (pelos jogadores Modric, atual melhor jogador do mundo, Rakitic, entre outros), além disso em 1998 chegou na semifinal do campeonato mundial.

3.4 Referências às culturas e aos países

Em 15 de junho, os comentaristas debateram sobre dívida de Cristiano Ronaldo, no valor de 18,8 milhões de reais ao fisco espanhol e da sua velocidade final de 33,98 km/h (um número expressivo para sua idade). Mauro Cezar também questiona o fato de a Espanha ter conseguido o “atacante referência” (Diego Costa), algo que não tinha conquistado com Llorente e David Villa. No final, considerou que as disputas contra Irã e Marrocos deveriam ser jogos mais tranquilos para se vencer.

Os comentaristas citam o grupo G de Bélgica e Inglaterra e falam sobre sua “superioridade” sobre Panamá e Tunísia. No grupo B, constam dois favoritos para os comentaristas, Espanha e Portugal, perante a fragilidade de iranianos e marroquinos, que a priori teriam jogos tranquilos (apesar das vitórias, a facilidade não aconteceu de fato). Outra vez a noção de “superioridade europeia” aparece de modo destacado.

O que consideramos aqui é que, mesmo que as equipes europeias apresentem, de fato, futebol superior ao de equipes de outros continentes, o discurso jornalístico é geralmente construído de modo “naturalizante”, sem provocar questões sobre as razões que sustentam historicamente essa suposta “superioridade”. Tal construção discursiva acaba por naturalizar, assim, as desigualdades históricas responsáveis por configurar práticas culturais como o futebol em cada continente.

O apresentador Paulo Andrade considera que o lema “jogou como nunca e perdeu como sempre” se encaixa perfeitamente no caso da seleção mexicana, uma vez que a equipe não passou das oitavas novamente. Mesmo assim, a torcida do país fez uma “grande festa” (para muitos, somente perdia para a Rússia), destacaram os comentaristas. Em relação a

estereótipos, os comentaristas destacaram o fato de o treinador da Coreia do Sul ter mudado a numeração dos jogadores para a Copa do Mundo, como forma de se utilizar dos preconceitos para confundir os adversários ocidentais, que costumam pensar que todos os orientais “são iguais” (comentário de Arnaldo Ribeiro).

Analisamos aqui a questão do valor-notícia, o curioso (segundo Gislaine Silva) trata sobre fatos que estão fora do comum na rotina produtiva jornalística. Se dissermos que a seleção espanhola trocasse de número para tentar “enganar” os adversários geraria um estranhamento, pois não surtiria efeito prático. Mas os sul-coreanos usaram desse artifício para tentar driblar a concorrência e até que no final teve resultado, pois venceu a Alemanha.

Os comentaristas após a fala de Arnaldo riram da situação cômica e colocaram como estratégia o fato de o técnico sul-coreano ter alterado a numeração dos atletas para a Copa do Mundo. Em tempos de internet, onde todo mundo conhece o adversário, a fisionomia “igual” (estereótipo da Europa, repassada para todos sobre a Coreia do Sul) dificulta saber qual o principal pé do atleta, entre outras características.

As previsões no dia 17 apontavam para uma passagem fácil da Alemanha em primeiro lugar, concepção que foi alterada depois da derrota contra o México. Mesmo assim, os jornalistas apontavam uma vitória alemã sobre a Suécia (lembrando, contudo, que a equipe sueca havia passado de Holanda e Itália nas eliminatórias). Os comentaristas também abordaram a questão da falta de higiene do treinador alemão Joachim Löw.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo esportivo brasileiro atualmente se concentra no entretenimento e nos negócios. Existem vários jornalistas que se destacam por certos motivos: Mauro Beting, por ser torcedor do Palmeiras e, mesmo assim, manter o respeito por todos, pois suas análises agradam ao público; Renata Fan, por ser a primeira mulher que apresentou um programa esportivo no país; e Jorge Kajuru, por se utilizar da fama adquirida para se tornar político.

A identidade nacional tem forte relação com o futebol brasileiro atualmente, mas, no começo do século 20, autores como Graciliano Ramos colocavam o esporte como algo da elite. Porém, com a profissionalização do futebol, outras questões vieram à tona, o que levou Nelson Rodrigues a descrever o complexo de vira-lata, utilizando o exemplo da derrota para a Inglaterra em Wembley.

Os imaginários sobre os continentes definem muito do que vemos ou lemos nos jornais brasileiros. O caso do Oriente Médio é o mais emblemático de todos, pois a região agrega países dos continentes africano e asiático (até o termo tem origem europeia e marca essa segregação entre os locais). No outro extremo se localiza a Oceania, onde pouco se conhece os arquipélagos (Austrália e Nova Zelândia, além de lugares paradisíacos).

O eurocentrismo parte da apropriação cultural de outros continentes perante a Europa (a história dos locais sendo reescrita na perspectiva europeia, sempre colocando o Ocidente acima do Oriente). Na China, o Oriente Médio é chamado de ocidente asiático e os países como Coreia do Sul e Japão são considerados o oriente. No continente africano, o Magreb denota a África do Norte (para muitos, a “parte rica”). Além disso existem outras divisões.

Em termos qualitativos, utilizamos os episódios dos dias 15, 17, 19 e 24 de junho e 6 de julho e, em termos quantitativos, analisamos os dias 14 e 20 de junho. Primeiramente fizemos a análise sobre a qualidade das seleções e dos jogadores. Destacamos aqui um dos comentários analisados, de autoria de Paulo Calçade: sobre a Arábia Saudita, ele afirmou que não existia nada de futebol no país. A afirmação pode ser considerada totalizando, de modo a negar como um todo, sem se preocupar em construir um olhar mais ponderado e complexo.

Na administração das seleções e na referências aos países, percebemos tratamento distinto sendo conferido a países de continentes distintos. Por um lado, a seleção argentina é lembrada por vir de resultados ruins, não conseguindo conter desde a presidência até o técnico, passando pelos problemas estruturais no esporte do país (mesmo com Messi na

equipe). Por outro, Portugal ganha destaque no Linha de Passe por contar com um dos “melhores jogadores” atuais (Cristiano Ronaldo), além de ter uma federação que oferece as condições necessárias para o trabalho de Fernando Santos.

No decorrer das análises, vemos estereótipos com certa frequência. É o caso de Senegal (com suas danças), Coreia do Sul (todos sendo iguais para os ocidentais) e o México (festa dentro e fora dos estádios). No outro lado europeu, países poucos tradicionais como Croácia e Islândia eram respeitados seja pelo nível dos jogadores ou pela aplicação tática. No geral, a Europa é apresentada como tendo muito mais acertos do que erros. Já em relação aos outros continentes, o contrário é o que geralmente acontece.

As seleções consideradas como principais pelos comentaristas foram as europeias (Bélgica, Inglaterra, França, Espanha entre outras), sendo elevadas a um patamar alto, possuindo uma conotação positiva de tudo que se fazia em campo. Embora a qualidade dos times europeus seja um fato, o jornalismo esportivo tende, de modo muito sutil, a naturalizar uma suposta “superioridade europeia” ao omitir as diferenças históricas que marcam a formação de cada continente.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Cláudio. **A Regra do Jogo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ABRIC, Jean - Claude. Prefácio. In: SÁ, Celso Pereira. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1996.

ALEXANDRE, Marcos. **O papel da mídia na difusão de representações sociais**. Disponível em: <<http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/17352/material/opapel%20da%20m%C3%ADdia%20na%20difusao%20de%20representacoes%20sociais.pdf>> Acesso em: 25 de nov de 2018.

ASSIS, Francisco de. **Fundamentos para a compreensão dos gêneros jornalísticos**. Alceu (PUCRJ), v. 11, p. 16-33, 2010. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Alceu21_2.pdf> Acesso em: 25 de nov de 2018.

BARBOSA, G. & RABAÇA, C. **Dicionário de Comunicação**. São Paulo: Ática, 1987.

BELTRÃO, L. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BELTRÃO, Luiz. **Teoria e prática do jornalismo**. Adamantina: FAI, São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco/Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 2006.

BOND, F. Fraser. **Introdução ao jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1959.

BOURGUIGNON, Jussara Ayres. **A pesquisa sobre representação social no contexto do serviço social**. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/25/22>> Acesso em: 06 de mai de 2019.

BUENO, A. **A fracassada sinologia brasileira**. In: Blog Projeto Orientalismo, 3 de maio de 2010. Disponível em: <<http://orientalismo.blogspot.com/2010/05/fracassada-sinologia-brasileira.html>> Acesso em: 25 de abr de 2019.

COSTA, Lailton Alves da. **Teoria e prática dos gêneros jornalísticos: estudo empírico dos principais diários das cinco macro-regiões brasileiras**. 2008. 197 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2008.

COTES, Cláudia Simone Godoy. **Apresentadores de telejornal: Análise descritiva dos recursos não-verbais e vocais durante o relato da notícia**. 2000. Trabalho apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de mestrado em fonoaudiologia, PUC, São Paulo, 2000.

CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro. **A Teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância para pesquisa em educação**. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/aprender/article/viewFile/3792/pdf_121> Acesso em: 01 de abr de 2019.

DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol**. Esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

DINES, Alberto. **O Papel do Jornal**. São Paulo: Summus, 1986.

EDUCAÇÃO, Portal. **Teoria das representações sociais.** Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/psicologia/teoria-das-representacoes-sociais/32194>> Acesso em: 01 de abr de 2019.

ELIAS, Norbert. 1995. **O Processo Civilizador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ELIAS, Norbert & Scotson, John L. 2000. **Os Estabelecidos e Os Outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. RJ: Jorge Zahar Editor.

ESPORTE, Comunicação e. Comunicação, Esporte e Cultura - **blog do grupo de pesquisa esporte e cultura** (FCS/UERJ), cadastrado no CNPQ. Disponível em: <<https://comunicacaoesporte.com/>> Acesso em: 03 de abr de 2019.

FERNANDES, Mario Luiz. **A Força do Jornal do Interior.** Itajaí: Univali, 2003.

FNPJ. **Jornalismo Esportivo não é só entretenimento.** Disponível em: <<http://www.fnpi.org.br/dados/grupos/jornalismo-esportivo-nao-e-so-entretenimento%5B169%5D.pdf>> Acesso em: 27 de nov de 2017.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. **Análise do conteúdo.** In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). Métodos e técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.

GALTUNG, J. e RUGE M. **A estrutura do noticiário estrangeiro:** a apresentação das crises do Congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros. In: TRAQUINA, Nelson (org). Jornalismo: questões, teorias e histórias. Lisboa: Veja, 1994, p.61-73.

GARCÍA, Canclini, Néstor. 1992. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar y salir de la modernidad. Buenos Aires: Editorial Sudamericana.

GOMES, Itania Maria Mota (Org). **Generos Televisivos e modos de endereçamento no Telejornalismo.** Salvador: EDUFBA, 2011.

GONÇALVES. Ricardo Juozepavicius. **A superioridade racial em Immanuel Kant:** As justificações da dominação europeia e suas implicações na América Latina. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/13_ricardojuozepaviciusgoncalves.pdf> Acesso em: 20 de jun de 2019.

GOODY, Jack. **O roubo da história.** Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/conjuntura/article/viewFile/5257/5221>> Acesso em: 25 de out de 2018.

GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs.). **Textos em representações sociais.** Petrópolis: Vozes, 1997.

GURGEL, Anderson. **Desafios do Jornalismo na era dos Megaeventos Esportivos.** Disponível em: <<http://andersongurgel.com.br/wp-content/uploads/2014/08/Desafios-do-Jornalismo-na-era-dos-Mega-eventos-Esportivos-2010.pdf>> Acesso em: 04 de dez de 2017.

GUTIERREZ, F. **Linguagem total:** uma pedagogia dos meios de comunicação. São Paulo: Summus, 1978.

HALL, Stuart. 1997. **Identidades Culturais na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A. Editora.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Editorial: PUC-Rio: Apicuri. Rio de Janeiro, Brasil (2016).

ISHIBASHI, I. **Um estudo comparativo do conteúdo didático da disciplina de história geral do ensino médio brasileiro e japonês**. 2004. 317f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

LAGACHE, Daniel. Prefácio. In: MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: Insular, 2001.

LANDER, Edgardo. **Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos**. En libro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp.21-53.

LIRA NETO, T. Getúlio – 1930-1945: **Do governo provisório à ditadura do Estado Novo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LYCARIÃO, D. **Mudanças climáticas sob o prisma da esfera pública: a mediação jornalística como fator de legitimação democrática no caso da COP-15**. Tese de doutorado, UFMG, PPGcom, Belo Horizonte, 2014.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos de Jordão: Editora Mantiqueira, 2003.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PARRATT, Sonia F. **Gêneros periodísticos em prensa**. Quito: Ciespal, 2008.

PUCRS. **Projeto de Pesquisa**. Disponível em: <http://www.pucrs.br/wp-content/uploads/sites/11/2016/05/elabora%C3%A7%C3%A3o_projeto_aula_reforco.pdf> Acesso em: 08 de dez de 2017.

REICHERT, Emmanuel Henrich. **Notas sobre o Eurocentrismo no Brasil**. Revista Espaço Acadêmico, Passo Fundo, n. 129, ano XI, p. 129, 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/13690/8690>> Acesso em: 25 de out de 2018.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

RODRIGUES, José Albertino (org). **Durkheim: sociologia**. Tradução de Laura N. Rodrigues. São Paulo: Ática, 1978.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. p.51- 52: Complexo de vira-latas.

ROLDÃO, Ivete Cardoso do Carmo. **Um estudo da linguagem oral no telejornalismo brasileiro**. In: INTERCOM - SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDICPLINARES DA COMUNICAÇÃO, Campo Grande. Anais. Campinas: PUC.

RUHEE, Paloma. **A construção dos telejornais nacionais da Globo**. Disponível em <<http://books.scielo.org/id/387/05>> Acesso em: 25 de out de 2018.

SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo central de representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Eurocentrismo e identidade**. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/13690/8690>> Acesso em: 25 de out de 2018.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. 2002. **“Cultura, Globalização e Crítica Social”**. In: Silva, Josué Pereira da; Santos, Myrian Sepúlveda dos; Rodrigues, Hiram Jacome. (Org.). Crítica Contemporânea. São Paulo, 2002, p. 15-35.

SILVA, Gislene. **“Para pensar critérios de noticiabilidade”**. Estudos em jornalismo e mídia 2.1 (2005): 95-107.

SILVA, Maristela R. **Objetividade x subjetividade: uma análise do telejornalismo opinativo no Brasil**. 2014. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/facom/files/2013/11/Monografia-P%C3%B3s-banca-corre%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 25 out de 2018.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

STAM, Robert & SHOHAT, Ella. **Do eurocentrismo ao policentrismo in Crítica da imagem eurocêntrica**.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. **Notícias e serviços: um estudo sobre o conteúdo dos telejornais da Rede Globo**. 2001. 339 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2001.

UFF. **Mario Filho e o negro no futebol brasileiro: uma análise histórica sobre o livro**. Disponível em: <<http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es2306.pdf>> Acesso em: 04 de dez de 2017.

UNEB. **Para desaprender o que não deve ser aprendido: representações do continente africano no livro didático**. Disponível em: <<http://www.saberaberto.uneb.br/bitstream/20.500.11896/717/1/TCC%20Genilton.pdf>> Acesso em: 05 de abr de 2019.

UNIVERSIDADE DO FUTEBOL. **Ética e responsabilidade no jornalismo esportivo**. Disponível em: <<https://universidadedofutebol.com.br/etica-responsabilidade-no-jornalismo-esportivo/>> Acesso em: 04 de dez de 2017.

UOL. **Linha de Passe completa 20 anos sem ceder a gritaria**. Disponível em: <<https://uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2018/08/31/linha-de-passe-completa-20-anos-sem-gritaria-mas-briga-marcou-programa/>> Acesso em: 16 de abr de 2019.

VASCONCELOS, Fábio Bandeira de Mello. **Jornalismo esportivo:** como a mídia transforma atletas em heróis ou vilões. Programa de pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: <http://www.ccta.ufpb.br/ppj/contents/documentos/dissertacoes-2017/dissertacao-fabio_bandeira-2017> Acesso em: 29 de mar de 2019.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa.** São Paulo: Martins Fontes: 2003.